

"A travesti morreu, mas carregou ela no caixão" e outras histórias vivas: conversão, transfobia religiosa e morte

Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão F^o 1

DOI: <http://dx.doi.org/10.4025/rbhranpuh.v10i29.37738>

Resumo: Apresento algumas das formas como a **morte está viva** em narrativas de pessoas transgêneras e ex-transgêneras. Essa morte se relaciona, por exemplo, com a *conversão de corpo e alma* de tais pessoas, por vezes empoderada por igrejas cristãs inclusivas (dentre outros espaços possíveis), bem como com a *desconversão* que se conecta à reversão de corpo, sexo e gênero, operada por ministérios de "cura, restauração e libertação" da sexualidade. Essa análise se fundamenta especialmente em narrativas de pessoas que se identificam como travestis, ex-travestis, transexuais, ex-transexuais e outras mobilidades generificadas, e se relaciona com um contexto marcado por sofismas como cristofobia e cura gay / travesti, por vezes fomentando episódios de *transfobia religiosa* a partir de um determinado *dispositivo da cisnorma*, que se associa a *regimes de validação do crer religioso/sexual/generificado*.

Palavras-Chaves: Transfobia; transfobia religiosa; cura gay / trans; cristofobia; morte de travestis.

"The transvestite died, but I carry her in the coffin" and other living stories: conversion, religious transphobia and death

Abstract: I present here, briefly, some of the ways **death is alive** in narratives of transgender and ex-transgender people. This death relates, for example, to the conversion of body and soul of such people, sometimes empowered by inclusive Christian churches (among other possible spaces), as well as to the deconversion that is connected to the reversion of body, gender and sex operated by ministries of "healing, restoration and liberation" of sexuality. This brief analysis of the history of the immediate time is based especially on narratives of people who identify themselves as transvestites, ex-

¹ Presidente da Associação Brasileira de História das Religiões (ABHR, 2015-2017 / 2017-2019). Pós-Doutorando Júnior em História pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Pós-Doutor Interdisciplinar em Ciências Humanas pela UFSC. Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo (USP). Mestre em História do Tempo Presente pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). E-mail: edumeinberg@gmail.com.

transvestites, transsexuals, ex-transsexuals and other generalized mobilities, and is related to a context marked by sophisms such as "christphobia" and gay / transvestite "cure", sometimes fomenting episodes of religious transphobia from a certain device of binary gender system (cisnorma), which is associated with validation regimes of religious / sexual / generalized beliefs.

Key Words: Transphobia; religious transphobia; gay / trans cure; christphobia; death of transvestites.

"La travesti murió, pero la llevo en el ataúd" y otras historias vivas: conversión, transfobia religiosa y muerte

Resumen: Presento algunas de las formas de como la muerte está viva, en narrativas de personas transgénero y ex transgénero. Esta muerte se relaciona, por ejemplo, con la conversión de cuerpo y alma de tales personas, a veces empoderada por iglesias cristianas inclusivas (entre otros espacios posibles), así como con la des-conversión que se conecta a la reversión de cuerpo, sexo y género, operada por ministerios de "cura, restauración y liberación" de la sexualidad. Este análisis se fundamenta especialmente en narrativas de personas que se identifican como travestis, ex travestis, transexuales, ex transexuales y otros movimientos de género, y se relaciona con un contexto marcado por sofismas como cristofobia y curación gay / travesti, a veces fomentando episodios de transfobia religiosa a partir de un determinado dispositivo de la cisnorma, que se asocia a regímenes de validación del creer religioso / sexual / generalizado.

Palabras clave: Transfobia; transfobia religiosa; curación gay / trans; cristofobia; muerte de travestis

Recebido em 19/06/2017 - Aprovado em 15/07/2017

Numa folha qualquer eu desenho um sol amarelo, que descolorirá
E com cinco ou seis retas é fácil fazer um castelo, que descolorirá
Giro um simples compasso e num círculo eu faço o mundo, que descolorirá

Nessa estrada não nos cabe conhecer ou ver o que virá
O fim dela ninguém sabe bem ao certo onde vai dar
Vamos todos numa linda passarela, de uma aquarela que um dia enfim, descolorirá
Toquinho

Introdução

Este texto procura identificar algumas das formas como a *morte* emerge em narrativas de pessoas transgêneras² e ex-transgêneras³ que se identificam, por exemplo, como travestis, ex-travestis, transexuais e ex-transexuais. Essa – a morte – é por vezes referida metaforicamente em alusão à conversão subjetiva do sistema sexo-gênero-corpo-alma,⁴ que, em um âmbito de cristianismos contemporâneos, por vezes é estimulada por igrejas inclusivas em um sentido, e por ministérios de cura, restauração e libertação, em outro. Em outros casos, a morte aparece relacionada à exclusão de espaços religiosos, à violência simbólica e física, à internalização da transfobia e ao suicídio. Além disso, é plausível que de alguma forma discursos transfóbicos de fundo religioso se associem a outros tipos de violência, como o assassinato de travestis. Essa *transfobia religiosa/espírita*, se ampara, dentre outros elementos possíveis, em leituras bíblicas fundamentalistas e descontextualizadas sócio-historicamente, e em determinados dispositivos referentes à sexualidade e ao gênero, como o *dispositivo da cisheteronormatividade*. Inicialmente, adianto e realço que esse dispositivo fundamenta parte do contexto sócio-político atual, envolvendo o sofismático movimento Escola “Sem” Partido⁵ – relacionado

² *Transgeneridade* aqui é entendida como a condição sócio-política de inadequação às expectativas e convenções sociais referentes ao sistema sexo-gênero outorgado no nascimento ou gestação, e não como identidade ou subjetividade específica (LANZ, 2014; MARANHÃO F^o, 2014b).

³ A *ex-transgeneridade* pode ser compreendida como o movimento contrário ao da transgeneridade. Se na segunda a pessoa não se sente adaptada ao sistema sexo-gênero de outorga, na primeira, após ter feito alguma engenharia de gênero (nem sempre com reflexos no corpo) em direção a tal inadequação, ela faz a engenharia reversa, se conformando ao sistema de sexo-gênero a ela anteriormente designado (MARANHÃO F^o, 2014b).

⁴ Anne Fausto-Sterling propõe o conceito *sexo-gênero* por entender que ambos são lados da mesma moeda, ou seja, interligados (ainda que não sejam sinônimos) (FAUSTO-STERLING, 2012). De maneira semelhante, *corpo e alma*, em algumas concepções, refletem um na outra, sendo instâncias intimamente conectadas. Neste caso, é possível aventarmos um sistema que acople sexo-gênero e corpo-alma (MARANHÃO F^o, 2014b).

⁵ O Programa Escola Sem Partido, movimento político-ideológico iniciado por Miguel Nagib, procurador do Estado de São Paulo, em 2003, teve maior reverberação a partir de 2014, através de encontros com o deputado estadual pelo Rio de Janeiro Flávio Bolsonaro, do Partido Social Cristão, PSC (Flávio é filho de Jair Bolsonaro, deputado federal pelo Partido Progressista (PP) e atualmente filiado ao PSC). Tal programa contraria o princípio constitucional do pluralismo de saberes

ao recente caso envolvendo a Professora Marlene de Fávéri⁶ – além de outros sofismas⁷, como a “ideologia de gênero”, o feminismo como suposta “superioridade feminina em

e concepções pedagógicas, aviltando a liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar o pensamento, através de coações e perseguições que visam *conservar o status quo* e aniquilar formas de pensamento crítico e democrático que visem, por exemplo, a promoção de políticas públicas de Justiça Social – além disso, discursos que se coadunam ao que a ESP concorda são vistos como neutros, verdadeiros e sem ideologia, enquanto aqueles contrários aos seus ideais, percebidos como doutrinários,⁵ talvez remetendo ao que Michel Foucault dizia a respeito da produção de “regimes de verdades” de dispositivos: “o par “série de práticas/regime de verdade” forma um dispositivo de saber-poder que marca efetivamente no real o que não existe e submete-o legitimamente a demarcação do verdadeiro e do falso” (FOUCAULT, 2008, p. 27).

⁶ Um caso sintomático do conservadorismo e reacionarismo brasileiro, e que ficou conhecido em âmbito (especialmente mas não somente) acadêmico em 2017, foi o do processo judicial ajuizado à Marlene de Fávéri, professora de História da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), especialista em gênero e feminismo. De Fávéri foi acusada por uma ex-aluna e ex-orientanda, Ana Caroline Campagnolo, professora de História em escolas de Chapecó (Santa Catarina), de perseguição ideológica e religiosa pelo fato desta ser cristã e anti-feminista, processo pelo qual a autora pede indenização em valor aproximado de 17 mil reais. Apurando as informações sobre o caso, é perceptível não ter havido perseguição por suposta “cristofobia” (até mesmo porque entre o alunado de De Fávéri há outras pessoas cristãs), mas sim, resistência a discursos de caráter misógino, sexista, transfóbico, homofóbico e racista da referida ex-aluna. Assim, trata-se de falácia de Campagnolo se colocar como vítima de perseguição por ser cristã: a resistência crítica à aluna não se deu por sua vinculação religiosa, mas sim, por ideais reacionários e violentos compartilhados pela mesma e que, certamente, não sinalizam para o cristianismo contemporâneo de modo homogêneo. Os argumentos de Campagnolo e da Escola Sem Partido podem remeter ao que Wolfgang Röd infere sobre o caráter da sofística: “o sofista (...) é um professor a quem interessa unicamente o sucesso material, independentemente de qualquer compromisso com o ideal de verdade e com o dever moral” (RÖD, 2014, p. 98). Certamente, o objetivo não é sumamente material, mas de caráter mais amplificado: o de propagar regimes de validação do crer e dispositivos fundados no mega-conservadorismo sócio-político. Entidades representativas da área de História – como a Associação Nacional de História (ANPUH) e a Associação Brasileira de História das Religiões (ABHR) – bem como órgãos relacionados a outros campos ou atividades, se posicionaram de modo favorável à De Fávéri e contrário às coações da Escola Sem Partido (2017). O processo a Marlene “evidencia a real essência do movimento que não almeja uma escola sem partido, mas sim uma escola amordaçada, sem espaço para a informação, diálogo e pensamento crítico. Esse movimento, já formalizado e impulsionado através de alguns Projetos de Leis (PLs), visa eliminar a discussão política e crítica no ambiente escolar, e restringir os conteúdos de ensino a partir de uma pretensa ideia de neutralidade do conhecimento, contradita no bojo do próprio documento do Programa Escola Sem Partido” (Nota de apoio da disciplina Gênero, Política e Religião (PPGH/UFSC), 2017). Acerca da ESP, leia: MOURA, 2016.

⁷ Para um sentido dicionarizado, sofismas são “argumentos aparentemente válidos, mas não conclusivos e que supõem má fé por parte de quem os apresenta”, ou ainda, “argumentos falsos formulados para induzir outrem a erro” (AURÉLIO, 1999, p. 1875).

relação ao homem”⁸, a “cristofobia” e a “cura e libertação” gay/trans/travesti – todas essas falácias, entendidas aqui como “afirmações errôneas, falsas, capciosas, que induzem ao erro” (AURÉLIO, 1999, p. 873)⁹, associadas ao contexto brasileiro do tempo imediato. Tais discursos ideológicos e falaciosos, como entendo, podem dar suporte a concepções e práticas intolerantes e violentas que podem reverberar na morte de pessoas transgêneras (dentre muitas outras), tanto no sentido da morte literal, do corpo físico, como da morte metafórica, que envolve desejos, sensibilidades, subjetividades e potência de vida.

Os escritos a seguir se ordenam assim: primeiramente (*fora Temer*¹⁰ e apoio à *Marlene de Fáverê*) apresento o conceito – em elaboração – de *dispositivo da cisbeteronorma*, que, relacionado a *regimes de validação do crer generificado/sexual*, enraíza a discriminação e violência a pessoas não-cisgêneras/transgêneras e pessoas não-hétero; na sequência, demonstro algumas relações envolvendo *conversão e morte de corpo e alma* de pessoas transgêneras em contextos evangélicos, em um mosaico que intercala a *conversão do corpo cisgênero* (ou cis) em *corpo transgênero* (ou trans*) e a *desconversão do corpo trans* em corpo cis*. Algumas dessas **re/desconversões** de corpo e alma se relacionam à parte seguinte do texto, que comenta as resistências de pessoas transgêneras ao dispositivo mencionado, as “justificativas” de agentes de “cura, libertação e restauração da sexualidade”, a “cura” e a “cristofobia” como falácias, alguns impactos de tais “terapias”, relacionadas a outras formas de **transfobia religiosa/espiritualista** e, por fim, sinalizo como tal dispositivo se relaciona plausivelmente ao assassinato de travestis.

1. O dispositivo da cisnorma binária de gênero e os regimes de validação do crer

Como mencionado, Escola Sem Partido, ideologia de gênero, cristofobia e cura gay/trans/travesti (podemos agregar, ainda, a ideia de feminismo como “supremacia feminina”) são *sofismas* – que enlaçam conservadorismo, caos/pânico social, desonestidade intelectual, preconceito, discriminação e intolerância. Tais falácias se fundamentam no que podemos – com certo amparo do dispositivo da sexualidade de Foucault – chamar de

⁸ Comento sinteticamente sobre este sofisma e outros: a ideologia de gênero e o projeto da Escola Sem Partido, nas notas finais deste artigo, e sobre os sofismas da cristofobia e cura gay/travesti/trans, no decorrer do mesmo.

⁹ Neste texto, não faço distinção entre sofismas e falácias, tomando-os como sinônimos – no sentido do dicionário Aurélio (p. 873 e 1875, 1999).

¹⁰ Nesta, uma das notas iniciais deste artigo que “toma partido”, enuncio: primeiramente, *fora Temer!* O movimento *Fora Temer* se iniciou nas tentativas de deposição da Presidenta (com “a” ao final) Dilma Rousseff, especialmente em 2016, a partir da articulação de um golpe político/jurídico/midiático orquestrado por alas sociais que enxergavam no então vice-presidente Michel Temer uma via para um projeto político conservador e reacionário que desprivilegiasse causas políticas mais humanitárias, inclusivas e relacionadas a promoções de políticas públicas. Após a deposição da Presidenta Dilma, assumiu aquele a quem chamaríamos de *golpista* caso não prezássemos pelo decoro acadêmico. Como já demonstrado, o *golpe / impeachment* se fundamenta em manipulações midiáticas e na misoginia (PEDRO, ZDEBSKYI, MARANHÃO F^o, 2015; GERALDES *et al*, 2016).

dispositivo de gênero, ou mais especificamente, *dispositivo da cisnorma*¹¹ *binária de gênero*, ou da *cisnormatividade*, ou ainda, nos termos de Leticia Lanz (2014), *dispositivo binário de gênero*. Dispositivo, para Foucault é

um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo, o dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre esses elementos (FOUCAULT, 2000, p. 244).

O dispositivo não só descreve como prescreve, não só normaliza como normatiza naturalizando, (de)termina, hierarquiza e dá estrutura e fundamento ao saber e ao poder nas relações culturais-sócio-políticas, mantendo e exacerbando os privilégios de um grupo (por exemplo, homens cisgêneros, hétero, brancos, ricos, católicos, sem deficiências, nascidos no sul/sudeste brasileiro e de uma elite acadêmica) em detrimento de outros coletivos (por exemplo, travestis negras, lésbicas, amputadas, espíritas, analfabetas, nortistas e prostitutas). Nesse sentido, o dispositivo da sexualidade, para Foucault, “tem, como razão de ser, não reproduzir, mas o proliferar, inovar, anexar, inventar, penetrar nos corpos de maneira cada vez mais detalhada e controlar as populações de modo cada vez mais global” (FOUCAULT, 1988, p. 100). Para Lanz, semelhantemente, *dispositivo binário de gênero* é aquele “que determina o enquadramento das pessoas em um dos dois gêneros oficialmente reconhecidos – homem e mulher, ou masculino e feminino, em função do órgão sexual que elas trazem entre as pernas ao nascer” (LANZ, 2014, p. 25).

*Dispositivo da cisnorma binária de gênero*¹² (ou da *cisgeneridade*),¹³ ou talvez redundantemente apenas *dispositivo de gênero* (visto gênero ser entendido “naturalmente” como

¹¹ *Cisnormatividade*, para G.R. Bauer (segundo Brune Bonassi), “descreve a expectativa de que todas as pessoas são cisgêneras, que aqueles designados machos ao nascimento crescerão para serem homens e aquelas designadas fêmeas ao nascimento crescerão para serem mulheres. A cisnormatividade modula ações sociais como a educação de crianças, as políticas e práticas de indivíduos e de instituições, e a organização do amplo mundo social pelos meios pelos quais as pessoas são contadas e o sistema de saúde é organizado” (BAUER, 2009, p. 356, *apud* Bonassi, 2017, p. 26-27). Para Bonassi, “cisnorma é um conceito que ganha abrangência na literatura acadêmica brasileira na segunda década do século XXI e denota a normalidade que legitima como saudáveis, naturais e verdadeiras apenas as pessoas que se identificam com o sexo que lhes foi designado ao nascimento, sempre assumindo a binariedade homem/mulher” (BONASSI, resumo, 2017).

¹² Parece-me que o termo *sexualidade* diz mais respeito às práticas sexuais, tangencia a questão das orientações sexuais, não sendo sinônimo de gênero nem de orientação afetiva, daí a escolha por demarcar *dispositivo de gênero*, e não da sexualidade. Vale lembrar, entretanto, que para Foucault, sexualidade não se resume às práticas sexuais. De todo modo, como sexualidade remete especialmente a este aspecto das práticas, e como há bastante (con)fusão entre gênero, sexualidade,

binário), pode ser concebido, na esteira do que Foucault e Lanz definem, como a rede de relações entre saberes, dizeres e poderes que direcionam as concepções mais generalizadas na sociedade a respeito de gênero, enraizadas na percepção de que há uma normatividade a ser seguida, associada ao sexo/gênero binário, e dentro dos parâmetros da cisgeneridade. Esse conjunto de concepções e poderes dá substância ao preconceito, discriminação e intolerância a pessoas que não se adequam ao que se espera de uma pessoa cisgênera, ou seja, que atuem no mundo a partir de um conjunto de normas e expectativas referentes ao sistema sexo/gênero/corpo (ou sexo/gênero/corpo/alma, em alguns casos), imputado no nascimento ou gestação. Tal dispositivo costuma se relacionar ao que podemos entender como *dispositivo da heteronormatividade*, quando se concebe que a heterossexualidade deva ser a norma de conduta a ser (per)seguida. Nesse caso, podemos falar de um *dispositivo da cisbeteronormatividade* ou da *cisbeteronorma*, responsável pela intolerância a pessoas não-cisgêneras e a pessoas não-hétero. Certamente, há outros dispositivos sociais que içam concepções e atitudes discriminatórias, como o dispositivo de raça/etnia, de classe, de capacidade física/mental, de regionalismo, e daí por diante – e como não falar de um certo *dispositivo religioso*, com suas especificidades, como o *dispositivo religioso católico e/o evangélico*, por exemplo? Nesse caso, tratam-se de teias de saberes e poderes responsáveis por arquitetarem concepções e comportamentos a serem seguidos dentro de determinados cânones, se inter-relacionando com os dispositivos acima citados.

Tais dispositivos, por sua vez, podem se vincular aos *regimes de validação do crer religioso* propostos por Danielle Hervieu-Léger para comentar a mobilidade religiosa contemporânea (2008): autovalidação do crer, validação mútua do crer, validação comunitária do crer e regime institucional da validação do crer. O primeiro regime seria o de autovalidação do crer, no qual “o sujeito reconhece apenas para si mesmo a capacidade de atestar a verdade

orientações sexuais e orientações afetivas (aspectos que convergem mas que não são a mesma coisa) escolhi por demarcar as duas coisas. Ao mesmo tempo, como o sistema sexo-gênero é umbilicalmente coligado, podemos pensar em *dispositivo de gênero e sexualidade* – ou talvez mais especificamente, no *dispositivo da cisbeteronormatividade* – mais referente à cisgeneridade e à heterossexualidade como padrões de conduta socialmente reinantes.

¹³ *Cisgeneridade*, “do grego *cis*: *reto, do mesmo lado, em conformidade com*, remete à pessoa *cisgênera, cissexual* ou simplesmente *cis*: aquela que se sente confortável, bem ajustada, que *concorda* com o sistema sexo-gênero binário (*mulher* ou *homem*) que lhe foi atribuído/outorgado no nascimento ou antes, na gestação. Ao contrário do que se pode pensar, a pessoa cisgênera não é necessariamente heterossexual: pode ter qualquer orientação sexual ou afetiva. Assim, há mulheres e homens cis que podem ser homossexuais, bissexuais, assexuadas/os, pansexuais e heterossexuais – dentre outras autodeclarações possíveis” (MARANHÃO F^o, 2014b, p. 716). A cisgeneridade “se relaciona com a cisonormatividade (ver definição acima) e com o cissexismo. O *cissexismo* pode ser compreendido como o comportamento ou conjunto de comportamentos que beneficia, valoriza e normaliza pessoas cis, normatizando / discriminando pessoas trans* em qualquer designação de trânsito/transgressão de gênero através do “apagamento” das identidades destas ou de múltiplas formas de intolerância às mesmas. Faz parte do cissexismo a concepção de que gênero é definido pelo corpo” (MARANHÃO F^o, 2014b, p. 717).

da sua crença”.¹⁴ É na troca que se consolida o universo de sentidos pessoal e coletivo¹⁵, tornando-se, assim, uma vivência que peregrina da autovalidação do crer para a validação mútua do crer. Neste regime, “quando participa dos encontros de um círculo espiritual com afinidades, o grupo lhe oferece o apoio de um dispositivo de “compreensão mútua” a serviço de cada um dos membros” (HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 160). O regime de validação mútua do crer se distingue do regime de validação comunitária do crer, em que “a coesão comunitária testemunha, para cada um, a verdade do crer comum”,

crentes convictos assumem certezas partilhadas em formas comuns de organização da vida cotidiana e de ação no mundo. É em um modo de vida fundado inteiramente sobre princípios religiosos que se atesta a pertinência das crenças (HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 160).

Hervieu-Léger ainda comenta sobre um regime institucional da validação do crer, “realizado por instâncias garantidoras da linhagem de fé”, em que “o tipo de organização do poder de cada tradição varia” e “autoridades religiosas reconhecidas (padres, rabinos, irmãs, etc.) definem as regras que são, para os indivíduos, os sinais estáveis da conformidade da crença e da prática”.¹⁶ A autora lembra que isto não invalida que existam no interior de uma dada instituição diferentes “regimes de validação comunitária do crer correspondente ao desejo dos grupos particulares de viver sua fé de maneira intensa” (HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 160). Regimes de validação se relacionam, possivelmente, com os *modos de subjetivação* notados por Foucault, que seriam relacionados a “modos de objetivação do sujeito, isto é, modos em que o sujeito aparece como objeto de uma determinada relação de conhecimento e de poder”, em que “os modos de subjetivação e de objetivação não são independentes uns dos outros; seu desenvolvimento é mútuo” (CASTRO, 2009, p. 408). Os regimes de validação do crer, no mais das vezes, se conectam com o que se diz sobre o sujeito, ou com um certo dispositivo da oralidade “composto pela relação entre regimes enunciativos, os discursos e os saberes produzidos em torno da vocalidade e da oralidade” (CAMOZZATO, 2017, p. 13), bem como aos demais dispositivos mencionados acima, dentre outros. Tais modos de subjetivação, dispositivos e regimes de validação do crer (generificado/religioso/sexual, dentre outros), se relacionam com dois campos da minha pesquisa de doutorado (2014b)

¹⁴ HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 158. Ela reforça que no regime de autovalidação, “desaparece toda instância de validação além do indivíduo, ele mesmo. É nele mesmo, na certeza subjetiva de possuir a verdade, que encontra a confirmação da verdade da crença” (idem, 2008, p. 163).

¹⁵ Para Hervieu-Léger, “na ausência de tal apoio, é muito provável que as significações individualmente produzidas (...) não façam sentido por muito tempo” (ibidem, 2008, p. 158).

¹⁶ A autora reforça que “o regime da validação institucional do crer remete à autoridade religiosa (os detentores do poder de definir a verdade do crer) o cuidado de confirmar as crenças e práticas dos fiéis. O critério considerado é o da conformidade das crenças e das práticas para com a norma fixada pela instituição” (ibidem, 2008, p. 162).

em que **conceitos de morte** emergiram de formas diferentes: os ministérios de “cura, restauração e libertação” de travestis (fundamentados no que chamei de teologia *cishet-psi-spi*¹⁷); e as igrejas cristãs inclusivas¹⁸, que costumam acolher pessoas transgêneras e, em alguns casos, auxiliam no empoderamento das mesmas em relação à aceitação e *assunção* de suas transgeneridades (MARANHÃO Fº, 2014a).

2. Conversão e morte de corpo e alma

Durante a realização da minha tese (2014b), uma das palavras que mais escutei em narrativas, de diversas formas e contextos, foi **morte** – vivenciada a partir do corpo relacionado à alma. Era potente a ideia de que a alma se (*re/des*) constrói a partir do corpo *em obras*. A morte de corpo e alma se relacionava, de formas diversas, com a conversão religiosa/espiritual e com a conversão do corpo, no que pode ser descrito provisoriamente não apenas como sistema sexo/gênero, mas sistema *sexo/gênero/corpo/alma*. É possível elencar, através das falas que escutei, alguns eixos: a conversão do corpo cisgênero (ou cis) em corpo transgênero (ou trans*); a *des*conversão do corpo trans* em cis¹⁹ (com a metáfora da morte *trans*passando tais (*re/des*)conversões); e justificativas para as transgeneridades, que por vezes se associam à transfobia religiosa/espiritualista.

¹⁷ Convencionei **teologia cishet-psi-spi** aquela que tem como base o dispositivo cisheteronormativo e se vale de pressupostos das áreas psi e da dicotomia entre cura vs. doença, bênção vs. maldição e, nessa linha, pessoas hétero/cisgêneras (abençoadas) vs. pessoas não-hétero/não-cisgêneras (amaldiçoadas) (MARANHÃO Fº, 2014b).

¹⁸ A maior parte das igrejas inclusivas se descreve como evangélica. A ICM, abaixo referida, entretanto, se designa como cristã inclusiva, radicalmente inclusiva e igreja dos Direitos Humanos (MARANHÃO Fº, 2014b, 2015e, 2016e). A ICM traz em sua liturgia alguns elementos do catolicismo (e em datas comemorativas, como o Dia da Consciência Negra, de religiões de matriz afro-brasileira), ao mesmo tempo em que *comunga* de características majoritariamente de igrejas evangélicas. Sobre a ICM, ler: NATIVIDADE (2008), SILVA (2013), WEISS DE JESUS (2012), MARANHÃO Fº, 2011a, 2011b, 2014b).

¹⁹ Também se presentificou o que podemos conceber como a **reconversão** e **re/desconversão** de corpos, aludindo às vivências de ex-ex-travestis, ex-ex-transsexuais e pessoas em outras mobilidades de gênero – o que não aprofundarei neste texto.

2.1 Vida e morte na conversão do corpo cisgênero em corpo transgênero



Imagem: Deus fez o espírito masculino de Estênio

Nestes quadrinhos, a cartunista Laerte Coutinho demonstra, que para Estênio, homem trans, seu espírito masculino foi criado por Deus, o que é visto como herético por tia Carla. Seriam as pessoas transgêneras consideradas socialmente “heréticas de gênero” por pensarem-se/saberem-se criadas de corpo e alma por Deus conforme elas se identificam? Dentre as multicolores concepções de pessoas transgêneras acerca das relações entre corpo e alma, surgem, por exemplo, ideias referentes à *conversão do corpo cisgênero (ou cis) em corpo transgênero (ou trans*)*, como podemos perceber na fala de Josi, uma das principais colaboradoras de minha tese (2014). Josi conta:

fui pra uma viagem com o Rev, mas eu não assumia ser uma travesti apesar de ir maquiada e tudo. Então o reverendo sentou comigo e começou a conversar. Ele perguntou ‘o que vai no seu coração? Como você se sente bem?’ Eu disse ‘Cris, eu me sinto muito bem quando estou como mulher, não que eu tenha vontade de me operar, isto eu não tenho... mas eu me sinto bem vestida como mulher, me passando por mulher e sendo tratada como mulher. Ser vista como mulher.’ E ele disse ‘então gata, você é travesti?’ (SOUZA, 2010).

Ela conta em seguida que Rev Cris²⁰

foi me explicando o que era ser travesti. Naquela época eu tava com 21 anos. Aí fui perdendo o medo de algumas coisas e acabei entendendo direito quem sou... a partir daquele dia, fui me aceitando melhor. Tanto que em 2009, no retiro da ICM, eu me batizei... pois quando eu estava na Assembleia, quem foi batizado foi o Josué. E quando fui pra ICM me entreguei a Deus sem máscara nenhuma, sem fingimentos... e como Josiane. Como quem eu realmente era (SOUZA, 2010).

Batizar-se na ICM não significou um *rebatismo*, visto que ali quem se batizava era Josi e não Josué (nome de batismo de Josi). Ela conta ainda que “quando eu me batizei nas águas foi meu *renascimento*, eu percebi o apoio da igreja e que aqui é uma comunidade que apoia uns aos outros. Eu tive apoio pra me libertar” (SOUZA, 2011). Assim, o batismo de Josi, mais que um batismo religioso, pode ser considerado um batismo genericado/religioso, representando uma conversão também genericada/religiosa (e não somente religiosa)²¹, apontando para o batismo de corpo/gênero e o batismo d’alma. De alguma forma, parte de Josi foi embora – **morreu** – para que ela viesse à tona.

A conexão entre conversão de corpo e alma é validada institucional e comunitariamente quando Rev Cris enuncia: “temos de gostar do nosso corpo, valorizar esta benção de Deus, ele faz parte de nossa conversão. Nosso corpo faz parte da experiência com Deus”.²² É desejável, assim, que em determinadas igrejas inclusivas, como a ICM, e se for do anseio da pessoa fiel, um novo corpo nasça no lugar do antigo, adequando a aparência à essência da pessoa, como *odre novo para vinho já existente*. Ressalva feita, nem todas as pessoas transgêneras / não-cisgêneras sentem a necessidade de modificarem seus corpos para ajustarem a determinada condição interior. A pessoa pode, por exemplo, ter sido outorgada “homem” ao nascer, sentir-se mulher, e não querer modificar seu corpo para aparentar-se mulher.

Em igrejas como a ICM, a conexão entre experiência corporal e espiritual pode ser apontada em questões relacionadas não tão somente a gênero, mas à sexualidade. Dário, irmão de Josi e diácono da ICM, costumava dizer em púlpito que “Jesus está comigo em todo o lugar, e me ama até quando estou no *dark room*”, ao que Josi complementava: “não só Jesus me ama no *dark room* como me ama quando faço programa” (MARANHÃO F^o, 2011*b*). Tal concepção demonstra que *não dá para se*

²⁰ Reverendo Cristiano Valério, da Igreja da Comunidade Metropolitana (ICM), de São Paulo, capital.

²¹ Ênfase que em termos *somente religiosos*, Josi contou não ter se **reconvertido**: era desde pequena já convertida ao cristianismo pentecostal da Assembleia de Deus.

²² VALÉRIO, *Pregação dominical*, notas de campo, 2010.

esconder de Deus – no mesmo sentido, no caso de Josi, de Deus não se esconde o desejo de converter o corpo para afiná-lo à alma naturalmente feminina. Mas este não é um caminho que se faz só: é necessário o apoio comunitário. Tanto na onisciência e onipresença divina no *dark room* como na conversão de corpo e alma, é fundamental a presença dos regimes de validação institucional e comunitário. O primeiro é expresso quando Dário, irmão de Josi e diácono da igreja, anuncia no púlpito: “saio do culto e vou lindamente pra Vieira de Carvalho,²³ me joga gostoso num *dark room* e aproveito” (SOUZA, 2010), e quando Rev Cris explica, “aqui nós temos um conceito do que é promíscuo: é quem faz mais sexo que o invejoso” (VALÉRIO, 2010). Ao mesmo tempo, tais discursos são retroalimentados pela comunidade em geral, que em parte os apoia na enunciação, em parte os estimula, em parte aprende a aceitá-los. Os apoios comunitário e institucional auxiliam na conversão completa do ser: quem é batizada e convertida é, não só a travesti, mas a prostituta, a cantora, a secretária, e mais uma série de coisas que caracterizavam Josi no momento e que para algumas pessoas, como escutei, eram contraditórias, pois nessas concepções uma travesti prostituta não poderia secretariar uma igreja ou cantar na mesma. Até aquele momento (2010) uma travesti prostituta causava certa estranheza – algo que não era exatamente publicizado em uma roda de conversas, mas falado amiúde. Confesso que estas falas me chocavam e entristeciam, o que comentava com tais pessoas na hora²⁴ – afinal, meu tema de doutorado se deu justamente a partir da biografia de Josi, que mescla ativismo social/sexual/genericado/religioso/espiritual – ou brincando com as palavras, *evangelismo* social/sexual/genericado/religioso/espiritual. Como Josi comentava, era a partir do seu corpo que as pessoas percebiam a magnitude e o esplendor de Deus, “eu sou travesti, faço programas, e com este mesmo corpo minha vida é um louvor a Deus (SOUZA, 2010)”. Para ela, “estou fazendo programa, meu corpo está lá, e minha alma também. Este é meu trabalho atual. Mas mesmo fazendo programa e durante o programa, estou cantando e louvando a Deus, com meu corpo e com minha alma a cada minuto do meu dia” (SOUZA, 2011). Josi aprofunda a relação entre corpo e alma: “se eu não tivesse me batizado nas águas eu não seria completa como pessoa. Quando descí às águas, descí como Josué, mas retornei como Josi, de corpo e alma lavadas e remidas pelo Espírito Santo. Agora estou completa de corpo e alma. E eu só consegui isto nesta igreja”

²³ Rua do centro da cidade de São Paulo conhecida pela circulação de pessoas não-hétero e não-cisgêneras, e próxima a cinemas com filmes pornográficos, boates e locais “de pegação” majoritariamente masculina/homossexual.

²⁴ Durante a tese (2014), explico a opção metodológica por *assumir* a minha própria subjetividade em relação ao que pesquisei. Tratou-se de admitir que o campo me *afetou* e que tive de atuar na pesquisa a partir de afetos (tanto no sentido de afetividades como de impactos) e sensibilidades. Dentre estas sensibilidades, emoções como o choro (algumas vezes de angústia, em outras de alívio), tiveram destaque – apontando para algumas formas possíveis de percepção e problematização relativas às conexões entre as pessoas que pesquisam e as que são pesquisadas (por vezes tais fronteiras são bastante imprecisas, aliás), e para a necessidade, em muitos casos, de que nossas pesquisas devam ser, de alguma forma, tratadas de forma mais sensível e humanizada.

(SOUZA, 2011). Assim, para Josi há relação direta entre batismo e conversão de corpo e alma, e isto se dá no contato com o coletivo, através do apoio da comunidade, que adere à ideia de uma secretária/cantora/travesti/prostituta e que é batizada/convertida com todas estas características. É através do suporte institucional e coletivo que o Josué **falece** para a constituição efetiva da Josi. Há o (re)conhecimento e apoio, mas isto é de alguma forma didático/heurístico para a comunidade, pois a igreja teve de aprender a ser (ou a se descobrir) mais acolhedora. *Inclusive*, esta igreja foi se percebendo *inclusiva* a partir de novas experiências e demandas de inclusão. E como disse Márcio Retamero, ex-pastor da unidade fluminense da ICM, “é redundante falar igreja inclusiva, a verdadeira Igreja de Cristo é inclusiva. Se tem fundamentalistas tanto nas igrejas tradicionais como em outras igrejas que se dizem inclusivas mas são exclusivas para gays, por exemplo, então elas não são inclusivas” (RETAMERO, 2011).

Alexya Salvador é outra pessoa que se sentiu empoderada a se aceitar e se assumir (como ela se define) *mulher transgênera* na ICM de São Paulo: “foi a partir desta igreja, que me acolheu como Alexander, que transicionei e hoje sou quem eu sou, Alexya” (SALVADOR, 2012). Atualmente, Alexya é pastora de uma das unidades da ICM, a ICM Manancial, de Mairiporã, São Paulo e, casada com Roberto há sete anos, é recém-mãe de Gabriel, adotado em 2015, e de Ana Maria, uma menina trans, adotada em 2016. Alexya comenta sobre sua transição e a importância do seio comunitário na configuração de sua identidade:

A ICM é onde eu me refaço toda semana. A vida comunitária é a fonte de toda cura e segurança para mim e minha família. É aqui que quero criar meus filhos e buscar sempre reafirmar meu sim a Deus, porque grandes coisas o Senhor fez por mim. O Alexandre não morreu. Apenas deu lugar para a Alexya poder existir. Foi ele quem preparou o caminho, aguentou tudo naquele processo de dor e de morte antes da transição interna, social, religiosa, amorosa e familiar. Tenho muito orgulho de ter sido homem um dia (SALVADOR, 2017).

De alguma forma, ao ungir pastora Alexya, uma mulher trans, ou empoderá-la, a ICM age dentro de um certo contradispositivo binário de gênero, ou contradispositivo cisnormativo, que pode ser pensado a partir das ideias de Foucault sobre resistência: “onde há poder há resistência e, no entanto (ou melhor, por isso mesmo) esta nunca se

encontra em posição de exterioridade em relação ao poder” (FOUCAULT, 1999, p. 91). Para ele, as relações de poder

não podem existir senão em função de uma multiplicidade de pontos de resistência que representam, nas relações de poder, o papel de adversário, de alvo, de apoio, de saliência que permite a apreensão. Esses pontos de poder estão presentes em toda a rede de poder (FOUCAULT, 1999, p. 91).

Giorgio Agamben, a partir da ideia de dispositivo de Foucault, pensa o conceito de profanação como contradispositivo, a partir de nossos corpos:

A estratégia que devemos adotar no nosso corpo com os dispositivos não pode ser simples, já que se trata de liberar o que foi capturado e separado por meio dos dispositivos e restituí-los a um possível uso comum. Trata-se de um termo que provém da esfera do direito e da religião (direito e religião são, não apenas em Roma, estreitamente conexos): profanação. (...) A profanação é o contradispositivo que restitui ao uso comum aquilo que o sacrifício tinha separado e dividido (AGAMBEN, 2014, p. 44-45).

Alexya, enquanto líder eclesiástica, a partir de seu *corpo e alma*, e como integrante do *corpo* de fiéis da ICM, pode ser vista (assim como a própria igreja) como resistente ao dispositivo da cismorma – ou *profanadora do dispositivo*, exercitando o contradispositivo da cismorma – ao ir em espécie de contramão do que se espera de uma líder religiosa, ou seja, que seja cisgênera (a propósito, em geral espera-se que o líder seja *um* líder: homem, cisgênero (e hétero).

Mas nem sempre as pessoas transgêneras se sentem incluídas nas igrejas que se intitulam *inclusivas*. Entre 2010 e 2012, especialmente, escutei comentários de caráter transfóbico por parte de fiéis de algumas das igrejas cristãs inclusivas paulistanas. Como me foi comentado, “as igrejas inclusivas são novas, estamos aprendendo a incluir todo mundo, estamos em transição (LÍDER DA CCNEI, 2012).²⁵ Na Comunidade Cristã Nova Esperança Internacional (CCNEI), uma das formas possíveis deste processo de maior inclusão foi o nascimento do Ministério Sêfora’s de Travestis e Transexuais, liderado por Jacque Chanel, concomitantemente autodeclarada travesti e mulher transexual (MARANHÃO F^o, 2015d). Em 2014, Jacque explicou sobre a CCNEI

²⁵ Comunidade Cristã Nova Esperança Internacional (CCNEI).

(também conhecida como CCNE), contrapondo o Séfora's aos ministérios de “cura de gênero e sexualidade”:

you know that the CCNE is opening up a new space, that goes against what the other churches preach, this conversion is about getting rid of silicone, shaving your head and everything else, she's going against it and against the discourse, the preaching that is done against gays, against trans, that is just that discourse that are the demons (CHANEL, 2014).

In the speech of Jacque, one perceives the concern of the CCNEI in 2014 in aggregating trans people, without the concern of modifying them in relation to their subjectivities of gender, not as demonizing as some traditional churches – or still *shaving their heads*, as is recurrent in ministries of “cure” of trans people. In my fieldwork, I talked to dozens of people who had passed through these environments and reported the usual procedure: when they arrive in these ministries, their documents are kept/retained, they receive men's clothes, any labor is considered “of a man”, the person must give up the feminine name, by declaring to start with the name of baptism, and their hair is shaved or cut very short, as a sign of adherence to masculinity. One looks for, thus, **seppulchre** all and any memory of a feminine body that, **jazz**. This inclusion of trans* people in the CCNEI, still, does not come without tensions, as I commented to a member of the church:

there is the ministry of trans and trans of Jacque but outside her and more one or another person, no one works hard with this person. And there is people, even the leadership, that is transfobic or has problems in accepting femininity both of trans, woman trans as woman herself. She touches almost alone the ministry (MEMBER OF THE CCNEI A, 2014).

On the one hand Jacque received the community and institutional support to open the ministry, this support was not exactly integral:

there is a lot of transfobia in the church. Trans, trans, is not accepted yet. You know the day that Jacque was going to preach in another CCNEI? I think it was in Guarulhos. She was going to preach there, and at the moment that a pastor was going to call her, he presented her like this: “now, let's receive our brother Jacque”. Serious. A lot of people commented. Because they didn't receive her, right? How can you call a trans woman brother? Also, she's there, for what is she opening this ministry? Can you be sure of that

há pouco vão pedir pra cobrar dízimo. Mas a Jacque não gosta da ideia, de começarem a pedir. Também já ouvi falar que querem abrir um ministério deste na Itália ou outro país europeu. Pras trans e travestis brasileiras que moram lá. Mas quem vai dirigir é um líder da igreja, gay. Deveria ser uma trans, né? (MEMBRO DA CCNEI B, 2014).

Neste sentido, assim como mencionei (2014b, 2016a) em relação aos terreiros de religiões afro-brasileiras em que a inclusão de gente trans* varia de terreiro para terreiro, há inclusivas que têm *transicionado* a outros patamares de inclusão e outras não. No caso em tela, apesar de coordenar um ministério direcionado a pessoas transgêneras²⁶ e se declarar travesti/mulher transexual, Jacque era por vezes lida por outros líderes e fiéis – de forma transfóbica – como *homem gay*, graças à potência do dispositivo da cisheteronormatividade reinante não só em igrejas cristãs como na sociedade em geral. Por mais que Jacque quisesse **sepultar o velho homem cisgênero**, pessoas da igreja pareciam querer ressuscitá-lo, apagando (de algum modo **matando**) sua subjetividade/identidade feminina. Além disso, como no caso acima, um líder da igreja se referiu a ela no masculino, tal interpelação pode atuar nos modos de subjetivação de fiéis em geral (inclusive a outras pessoas transgêneras), e respectivos regimes de (*in*)validação do (*des*)crer genericado/sexual.

O *trânsito* de concepções transfóbicas a includentes fazia parte, como sinalizado, do processo subjetivo de fiéis das inclusivas, ocorrendo de modo institucional, coletivo e individual. Durante o Retiro de Páscoa da ICM em 2011 escutei: “eu tinha preconceito com mulher trans e com travesti. Achava que deformavam o corpo e o espírito. Mas vi que Deus fez estas pessoas assim e aprendi a respeitá-las”, e ainda, “a Patty é mulher de corpo e espírito, o espírito dela, a identidade dela é assim, feminino, o corpo agora também é” (MEMBRO DA ICM, 2011). Assim, concepções *transitam* de uma ideia de corpo e espírito *deformados* para corpo e espírito *formados* por Deus, em que o espírito é naturalmente *transicionado* ou *correspondente à identidade/subjetividade* da pessoa. Tal pedagogia é (ad)ministrada e negociada entre liderança, corpo de fiéis e pessoa(s) trans* em regimes de validação do *crer em corpo e alma* abençoado/a por Deus. Esse regime de validação conectado a uma didática coletiva da aceitação de gente trans* é percebida, nos casos da CCNEI e da ICM. Institucionalmente, a CCNEI enuncia “temos um ministério para travestis e transexuais liderado por uma mulher trans” e a ICMSP, “temos em Mairiporã uma nova unidade da igreja, a Manancial, liderada por uma pastora que é mulher trans, e entre as frequentadoras, há outras mulheres trans”. A mensagem **explícita** é “sim, pessoas trans* também podem e devem pregar”. Se no caso de Jacque a pregação era direcionada a outras pessoas trans*, no exemplo de Alexya seu discurso reverbera n’alma de pessoas trans* e cis. Tais enunciações auxiliam no empoderamento e na performatividade de pessoas trans* que *transicionam*, e de pessoas não-trans* que

²⁶ O uso deste termo não diz respeito a uma identidade ou autodeclaração identitária específica, mas a uma condição sócio-política, como sinalizei mais acima.

aprendem a aceitá-las e respeitá-las. Também *queerificando* algumas estruturas religiosas, quando Luanddha Peron/Marcos Lord, pastor(a) da ICM Betel, do Rio de Janeiro, sobe ao palco, apresenta ao *corpo de fiéis* (aliás, **corpo e alma** de fiéis) que “quem vai pregar é uma pastora *drag queen*, mas antes de tudo, é uma pessoa, e o mais importante é a mensagem do Cristo”, ainda que seja também fundamental a mescla entre ativismo/evangelismo generificado/religioso. Assim, a presença de identidades/subjetividades/expressões trans* na CCNEI e na ICM – e possivelmente em outras inclusivas – tem fins evangelísticos/ativistas/espirituais/políticos/didáticos/heurísticos. Nas concepções destas pessoas, *tudo (santamente) junto e misturado*. Em alguns destes espaços, costuma-se apoiar a *conversão do corpo* que é *sintonizado com a alma* – a **morte ou ocaso** daquilo que associava a pessoa a um gênero ao qual ela não se identificava é acompanhado pela **aurora** de alguém que se inova e renova a partir do apoio institucional e coletivo.

Em outro caminho, há ministérios de “restauração, cura e libertação” de pessoas não-hétero e pessoas não-cisgêneras que atuam no movimento oposto, de estímulo a uma engenharia corporal e espiritual reversa, ou o que podemos convencionar como *desconversão do corpo transgênero em corpo cisgênero*. São os ministérios de “cura do homossexualismo” que tem como foco pessoas transgêneras que se identificam como transexuais e travestis.

2.2 Vida e morte na desconversão do corpo transgênero em corpo cisgênero

Ainda é cedo, amor
Mal começaste a conhecer a vida
Já anuncias a hora de partida
Sem saber mesmo o rumo que irás tomar
Preste atenção, querida
Embora eu saiba que estás resolvida
Em cada esquina cai um pouco a tua vida
Em pouco tempo não serás mais o que és
Ouçame bem, amor
Preste atenção, o mundo é um moinho
Vai triturar teus sonhos, tão mesquinhos
Vai reduzir as ilusões a pó
Cartola

A **metáfora da morte** protagoniza a maior parte das narrativas de *desconversão* do corpo trans* em corpo cis,²⁷ ou seja, das ações relativas à engenharia reversa da

²⁷ O contrário também ocorre: a metáfora da morte em relação à conversão da pessoa outorgada cis e autoidentificada trans* (ou outorgada homem e autoidentificada mulher, dentre outras equações). Para além das identidades de gênero e das orientações sexuais/afetivas, é possível que a metáfora da morte seja adequada e utilizada por outras pessoas para pensar outros contextos e experiências intensas de mobilidade ou fixidez identitária.

transgêneridade (mais especificamente das identidades travesti e transexual) à cisgêneridade. Durante a 2ª edição do *Acampa, Mona*, acampamento de “cura” de travestis realizado anualmente pela missão evangélica Salvação, Amor e Libertação (SAL), de Santo André (São Paulo), o líder do ministério de “cura” de travestis, Rouvanny Moura (que havia sido travesti), pregou: “a esperança no Senhor. Ele não morreu, ele ressuscitou e está aqui, com cada um de nós, certo?”²⁸ Durante todo o evento, era reforçada a ideia de que para se retornar ao *caminho que é verdade e vida*, é necessário **matar o velho homem** e *renascer/regressar* ao lar do Pai – não como filha pródiga (no feminino, como comumente conviria a uma travesti) mas como filho pródigo (no masculino, referente ao sexo outorgado no nascimento). Em alguns casos, concebe-se que uma morte é necessária para se prevenir de outra. Joide Miranda, pastor evangélico que se autodeclarava ex-travesti, notou que “isso que a mídia mostra, esse *glamour*, essa beleza, isso tudo é mentira. Eu comecei a observar aquilo e pensar: se eu não morrer antes, quando eu ficar velho isso também vai acontecer comigo, entendeu?”, completando: “**se meu lado travesti não morresse eu que morreria**. Hoje eu sou bonito, tenho fama, tenho dinheiro, mas e quando eu envelhecer?” (MIRANDA, 2012).

Entretanto, por vezes o caminho para a morte transgênera e renascimento cisgênero pode ser tortuosamente torturante. Como contou uma pessoa que se identificou como homem ex-travesti, que gostaria de se tornar obreiro da Assembleia de Deus mas havia recebido a orientação de seu pastor de que para isso precisaria retirar seus seios (produzidos através de silicone industrial, de difícil remoção), “o médico me disse que só tiraria se eu corresse risco de vida. **Quero ser obreiro de Jesus e só me operam se for risco de vida**”, contando, em lágrimas: “eu quero participar da igreja. Eu me sinto muito bem lá. Mas tenho de ser um homem completo. Tenho de retirar este negócio. E só posso operar pelo SUS”. Completou: “só tenho uma solução. Vou pegar uma tesoura, uma faca e ir prá porta do SUS. Vou esfaquear meu peito todinho, retalhar tudo, assim eles vão ser obrigados a me operar...” (TIRÉSIAS A, 2011).²⁹ Tal interpelação do pastor – fundada em um **dispositivo religioso cisheteronormativo**, atuante nos modos de subjetivação a partir de um regime de (in)validação institucional – de que só realizaria o sonho desta pessoa a incluindo como *obreiro de Jesus* se esta extirpasse o silicone de seus seios matando a identidade transgênera, pode ter tido, eventualmente, como desdobramento a própria morte física da pessoa. No caso de Joide Miranda, sem a **morte do velho homem** o **filho pródigo** não conseguiria retornar. No segundo caso, correr risco de vida para reformar o templo faz parte do caminho de reforma d’alma. Em uma postagem de Facebook (de 25 de junho de 2014), a destruição de um templo para a reconstrução de outro é anunciada/enunciada por Tauana Felizarda a Felipe Valentino: “seu momento chegou. Diabo, nesse momento ele está sendo envergonhado. Porque aquilo que ele sonhou tá acabando de ser destruído”.

²⁸ MOURA, *oração de abertura do Acampa Mona*, 2014.

²⁹ *Tirésias* é o adivinho da mitologia grega que mudou duas vezes de sexo-gênero, daí utilizar como metáfora para pessoas que *detransicionaram*. Utilizo este termo no caso de pessoas que optaram por que seu nome não fosse divulgado.

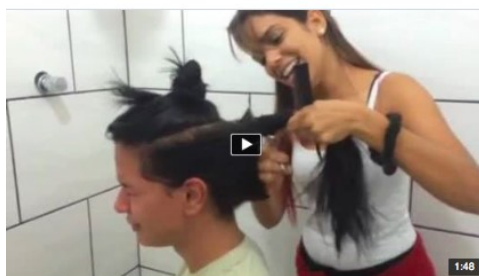
A destruição foi então descrita/testemunhada à toda a igreja, reforçando o *regime de validação do crer na salvação d'alma através da conversão do corpo* de modo comunitário e institucional, e atuando na subjetivação da ex-Gabriela/atual Felipe: “depois disso, nós voltamos para a igreja e o Felipe testemunhou aquilo que Deus tinha feito na vida dele, todo mundo ficou muito impactado mas naquele momento acabava de morrer uma pessoa e renascer outra”, explicando: “era o sepultamento da Gabriela e o nascimento do Felipe porque naquele momento ele estava vestido de homem mas em casa todas as roupas dele eram de mulher e naquele momento ele teve de abrir mão de tudo. **A Gabriela morreu e o Felipe renasceu**”.³⁰

³⁰ FELIZARDA, *postagem de FB*, 2014. Nesta postagem, Felizarda, missionária da *Igreja Fogo para as Nações* (FPN) de Ipatinga, Minas Gerais, narra como auxiliou Gabriela, ex-travesti, a se tornar Felipe, homem, hétero.

Imagens: Postagens no perfil de Facebook de Tauana Felizarda / conversão de Gabriela em Felipe


Tauana Felizarda Carvalho
 June 25 near Ipatinga

Esse vídeo, mostra um dos momentos mais fortes e emocionantes da transformação de Deus na vida do Felipe Valentino.. Ainda no ✨ ENCONTRO COM DEUS ✨ após a ministração da palestra sobre libertação, o Felipe chegou para mim e disse: "Tauana, eu não aguento mais essas roupas de mulher, eu não aguento mais o meu cabelo, preciso corta-lo!" Neste momento glorioso estávamos eu, Pastora Aglessandra e nossa querida cabeleireira Magna! ✨ O nosso Deus é perfeito, e tudo que ele faz é perfeito também, neste vídeo a emoção e a certeza transmitida através do olhar do Felipe é algo maravilhoso... Como a Bíblia mesmo diz "...Se você está em Cristo, nova criatura é.. as coisas velhas já passaram. Eis que tudo se fez novo!" #Milagre #JesusCristo #NovaCriatura #Aleluia #Fpn — with Felipe Valentino.



Like · Comment · Share

👍 75,681 🗨️ 39,779 📄 79,902 Shares

— with Apóstolos Valdir E Keller Fpn II and Nayana Felizarda.



Like · Comment · Share

👍 107,443 🗨️ 20,736 📄 46,260 Shares

Mas a ideia de sepultamento da Gabriela e renascimento de Felipe não foi *curtida* e *compartilhada* por todo mundo. Um comentário em um grupo de pessoas transgêneras na mesma rede social *enunciava/prescrevia o sentido contrário do caminho*: que “**Felipe, morra definitivamente para que Gabriela renasça**”. Em ambos os sentidos (Gabriela morrendo para Felipe nascer e Felipe morrendo para Gabriela renascer), reivindicava-se mortes e renascimentos definitivos. Em outros casos, a **passagem** do corpo transgênero para o cisgênero não era tão peremptória: Rouvanny Moura conta porque não se identifica como ex-travesti, tendo de ficar atento ao ressurgimento de Dibelém (“nome de guerra” que representava sua identidade travesti) diariamente:

lembro de uma historinha assim: tinha um homem que ele morreu, não, ele não morreu, ele puxava um caixão. E todo mundo dizia que no caixão era a mãe dele. Ele gostava tanto da mãe dele que não conseguia se separar da mãe. Aí quando foi um dia ele abriu o caixão, era ele mesmo que tava lá dentro. Então nós temos que matar o velho homem, mas a gente nunca vai matar o velho homem, nunca vai mudar a nossa natureza, porque de uma hora pra outra a gente levantamos. Eu posso dizer assim: o velho travesti sempre vai estar me acompanhando aqui na minha mente, entendeu? A Dibelém sempre vai estar aqui, até porque eu não consigo esquecer, porque não é um processo de computador que eu delete e joga fora. Quando eu digo ex, eu não sou mais, mas eu não posso dizer ex porque eu carregou aqui ó. Sabe a Dibelém, que está no caixão? Entendeu, quando eu digo ex, ex... Eu não uso essa palavra ex porque assim, eu nem gosto. Sabe por quê? Vamos supor que um dia eu ramele na vida, e caia na vida de novo? Mas o cara não era ex? é viado mesmo. Então não existe o ex, é mais uma coisa que pode usar, não existe ex mesmo, viado é viado. Sou um cara lutador que luto todo dia pra não viver a velha vida, não quero ser o invertido. Quando eu digo ex, eu to afirmando definitivamente ex isso. Eu acho que eu posso viver todo dia pela misericórdia de Deus, todo dia mais um dia, todo dia a história do AA: só por hoje. Só por hoje eu matei a Dibelém, só por hoje eu matei a Dibelém de novo. Matei o vício do crack, eu matei o desejo homossexual, eu matei e vivo todo dia cada vez melhor (MOURA, 2014).

Rouvanny sintetiza: “não sou nem travesti e nem ex-travesti. **O travesti morreu mas carregou ela no caixão**” (MOURA, 2014), narrando como a morte da Dibelém é um processo lento e que se faz no dia-a-dia. Esta concepção é reforçada nas palavras de Paulo Cappelletti, fundador da missão Salvação, Amor e Libertação (SAL):

a questão que se fala “mato o velho homem”, eu matei o velho homem, mas o que eu vejo na minha casa aqui não é isso, o que eu vejo na minha casa é que a morte é uma coisa meio lenta, não mata de uma vez, mata aos poucos. O começo é bem complicado porque o cara não sabe ainda se ele é homem ou se é mulher (CAPPELLETTI, 2014).

Durante a entrevista realizada com Cappelletti, uma pessoa que atuava como misionária interveio: “ele tá enterrado ali, mas a qualquer momento ele pode sair também”, ao que Cappelletti retomou: “eu acho que nem enterrado, eu acho que é como deixar droga, vai livrando aos poucos” (CAPPELLETTI, 2014). A relação entre a travestilidade/transsexualidade e o uso de drogas é recorrente em ministérios que pregam “cura, restauração e libertação”. Em São Gabriel da Cachoeira, escutei: “aqui nós curamos de todos os tipos de vício, até do homossexualismo” (MISSIONÁRI@³¹DE SGC, 2014).

A fala de Rouvanny demonstra **nuances entre morte trans* e vida cis** a partir do que podemos entender como um **limbo de gênero**, ou certo **purgatório** entre o que ministérios de “cura de gênero e sexualidade” entendem como **inferno** (as transgeneridades) e **céu** (a cisgeneridade). Narrativas como a de Rouvanny, circunscritas no dispositivo da cisgeneridade, podem sinalizar para um certo *entre-lugar* (BHABHA, 1998) *de gênero*. Outras falas, de modo aparentemente semelhante, já remeteriam ao que podemos convencionar como *não-lugar* (AUGÈ, 1994) *de gênero*. Para Marc Augè (1994), o lugar e o não-lugar são polaridades fugidias: “o primeiro nunca é completamente apagado e o segundo nunca se realiza totalmente”, são palimpsestos em que se reinscreve o jogo da identidade e da relação (AUGÈ, 1994, p. 74). A ideia de um gênero que não se realiza totalmente, que pode ser adequada em relação à narrativa acima, pôde ser vista também em outras **histórias vivas**.

Algumas pessoas que passam por ministérios de conversão de travestis e se (*re/des*)transicionam contam não encontrar mais acolhimento em um lugar de gênero, tampouco se situam em um fluxo de entre-lugares, aguardando porto seguro. **Vivem** a sensação de sair (ou cair) no mar aberto e permanecer nele com o barco em pane. Sem porto alcançável, nem aparente esperança de resgate. É a figura da pessoa *desregrada e desgarrada*, que se encontra no relento à contragosto. Levando a questão do corpo abjeto referido por Judith Butler *in extremis*, não conseguem ler a si mesmas dentro duma

³¹ Utilizo, em entrevistas em que foi mantido o anonimato das pessoas entrevistadas, o sinal de arroba (@) englobando o a (que marcaria o feminino), o o (que sinalizaria a masculinidade) e o e (como possível alternativa à não-binariedade de gênero).

determinada situação binária de gênero. Nestes casos, como viver sem um hemisfério, um continente, um porto binário? Nesta situação de não-morada em um *não-lugar*, o momento de instalação do caos interior parece ser todo o *momento*. Dialogando com uma pessoa indígena que havia passado pelo “ministério de cura de viciados” (em que homossexuais e travestis eram incluídos/as) de São Gabriel da Cachoeira (Amazonas), ela me explicou:

o pessoal aqui em São Gabriel briga muito comigo. Todo mundo fala que prefere que eu seja (nome masculino). Não deixam eu me assumir como mulher. Mas eu sou mulher. Mesmo que eu não pareça muito. Mas eu sou. Mas no momento estou assim entre os dois. **Querem que eu morra e só fique aquele menino** (INDÍGENA DE SGC, 2014).

Conversei com uma pessoa que havia passado por ministérios de conversão de travestis em Minas Gerais. Ela contou:

prá eles eu não sou gente. Não sou travesti, então eles não conseguem mexer no meu corpo porque eu sou operada, fiz vagina, e não podem ganhar seu bom dinheirinho. Eles não têm como me transformar em homem então não rendo aquele testemunho. Não dou lucro. Cada um tem seu preço. Eu já não, meu caso é diferente, a missão não tem como me fazer homem de novo. Cada pessoa eles ganham um tanto. Vamos dizer, quem vive lá dentro se recuperando, tem que tá lá dentro, registrado que tá lá. Porque você tá em tratamento. E eles mostram este documento prá quem paga eles. Essas casas de recuperação ganham assim, por morador, por travesti. Travesti vale mais porque é testemunho mais caro. Passou mais dificuldade né? Assim. Aí eles fazem cortar cabelo e fazer uma linha homem. Tem uma lá com peito e tudo. Mas vai tirar. Tem vários também, que tentaram virar, tem uns que não conseguem não, é muito difícil que virou, não existe *ex-gay* nem *ex-travesti*. Aliás *ex-travesti* existe sim. Quando vira mulher, vira transsexual. Como eu era. Mas *ex-travesti* que vira homem? Não existe. Prá eles transsexual não é aceito, é uma aberração humana. É difícil entrar na cabeça deles que a gente pode ser feliz e completa sendo a gente, e realizada sexualmente... orgasmo normal, tudo normal. Eles querem o dinheirinho no cofrinho. Hoje? Não sei que sou. Tenho vagina. Não me vejo mais mulher e tenho vagina. Não sou travesti. Não sou

homem. Mexeram com minha estrutura (TIRÉSIAS B, 2014).

Outra pessoa contemplou:

vim de longe, menino. Meu sonho era fazer o corpo. Me tornar mulher. Mas fui percebendo que eu nunca seria mulher de verdade. Era tudo um sonho. Olha bem prá mim. Você acha que eu ia conseguir ser mulher? Hoje em dia já tá tudo caro, pensa há uns 15 anos? Eu morei em clínica de recuperação. Fiquei mais de dois anos. Minha lição, olhar prá mim e não saber mais o que é isso. Não sou travesti, não sou homem, o que eu sou? Sou um monstro. **Você acha mesmo que se eu morrer Jesus vai me aceitar assim?** Claro que não. Tenho certeza. **Se eu morrer Jesus não me deixa entrar.** Todo deformado? Tá doido (TIRÉSIAS C, 2014).

Essas histórias demonstram alguns dos impactos de se passar por um ministério de “conversão de travestis”. Na última delas, fica clara a relação entre o corpo e a alma – em que o primeiro *impossibilitaria* que a segunda fosse *aceita por Jesus*. A concepção que relaciona modificação do corpo com modificação da alma circunda tais ministérios, e a partir da relação entre regimes de validação institucional/comunitário e modos de subjetivação, ecoam no imaginário das pessoas que circulam pelo mesmo. Tais pessoas seriam mesmo **recusadas no céu** por não serem lidas dentro de um sistema binário? Deveriam se encaixar numa determinada concepção de *filho pródigo*, fundamentada numa *teologia cisbet* coligada ao *dispositivo cisheteronormativo* para que Jesus as acolhesse? E quanto a pessoa que se entende monstra?

O que seria ser um **monstro**? Seria morrer para a legitimidade e inteligibilidade do corpo e da alma, ou evocando Foucault, “o lugar de aparecimento do monstro é o jurídico-biológico; ele representa, com efeito, uma violação das leis dos homens e da natureza”. Para ele, “a monstruosidade representa o desdobramento, mediante o jogo da natureza, de todas as irregularidades possíveis. Neste sentido, o monstro se apresenta como o princípio da inteligibilidade de toda a anomalia possível” (CASTRO, 2009, p. 32). O dispositivo da cisheteronormatividade (ou simplesmente o do sistema sexo-gênero) conectado ao da religiosidade **monstrifica** as pessoas que não se encaixam no mesmo: são pessoas que, tidas como anômalas, ao **deformarem** seus corpos **morrem** para o Reinos dos Céus. Indivíduos a serem corrigidos e colocarem seus corpos e almas *em obras*, ou as realizam (**matando** o corpo trans e fazendo o corpo cis **renascer**) ou **morrem** para qualquer possibilidade de salvação. O anormal, segundo Foucault, “será não apenas um monstro empalidecido, mas também um incorrigível que terá de ser colocado em um meio de correção apropriado” (CASTRO, 2009, p. 33), no caso, por ministérios religiosos enquadrados (e “enquadrantes”) no dispositivo binário de gênero, “aptos” a normatizarem e normalizarem as pessoas “degeneradas” – de

gênero desviante, no caso – cujo desvio se poderia perceber em leituras anacrônicas, *ipsis litteris* e descontextualizadas sócio-historicamente de textos bíblicos.³²

É neste sentido que se constitui a violência fanática, como “uma cega obediência a uma ideia, servida com zelo obstinado, até exercer violência para obrigar outros a segui-la e punir quem não está disposto a abraça-la” (BOBBIO, 2007, p. 464). Para Bobbio, “são consequência de uma atitude e de uma mentalidade fanática a intolerância da ideia alheia e o espírito de insensato proselitismo que não recusa meios violentos ou até cruéis. O Fanatismo está geralmente ligado ao dogmatismo, isto é, à crença numa verdade ou num sistema de verdades” (BOBBIO, 2007, p. 465) que aqui podemos entender como dispositivo, regulado por regimes de verdades, enunciações, interpelações, que, “uma vez aceitas, não devem ser mais postas em discussão e rejeitam a discussão com os outros; a este corresponde no campo prático o sectarismo, isto é, a parcialidade com os adeptos e o ódio para com os não-crentes” (BOBBIO, 2007, p. 465) – cisão operada em direção a pessoas não-cisgêneras e não-hétero, ou seja, de algum modo vistas como “não crentes” em um sistema sexo-gênero alicerçado pela perspectiva binária da cisheteronorma. E convenhamos, se **demonizar** uma pessoa trans e dizer que a mesma é uma anomalia ou um monstro irre recuperável e que não poderá conhecer o Paraíso não for produto cruel de fanatismo religioso/de gênero, o que seria então? Fazer crer que não há salvação fora da cisheteronormatividade a quem transiciona é forma violenta de silenciamento (no sentido de Eni Orlandi, de que “o silêncio imposto pelo opressor é exclusão, é forma de dominação” (ORLANDI, 1987, p. 263), aquele da ordem mortífera: o **silêncio da morte em vida** se avizinha de quem crê em tal enunciação performativa. Mas nem todo mundo crê. Por vezes tais interpelações **falham, falecem**.

2.3 “Não mataram nem converteram meu gênero”: resistências e re-existências

Quem tem a força de saber que existe,
e no centro da própria engrenagem,
inventa contra a mola que resiste (*Secos e Molbados*)

Apesar de você, amanhã há de ser outro dia
Chico Buarque

Há quem se assujeitou por um tempo a dadas enunciações, *mas depois resistiu* às mesmas. Neste caso, a **resistência à morte** do corpo trans* se relaciona com a anterior **morte do corpo cis**, como no exemplo de Josué, que **morreu para Josi nascer**. Josi já havia resistido à outra **morte anunciada/prescrita**, a do Josué assumido *gay* na Assembleia de Deus.

³² Como por exemplo, levar ao “pé da letra” o quinto verso de Deuteronômio, que rege: “a mulher não deve usar um artigo masculino, e nem o homem se vestirá com roupas de mulher, pois quem assim age é abominável a Iahweh teu Deus”, o que, para a Bíblia de Jerusalém, faria “provável alusão a certos hábitos dos cultos impuros de Canaã” (Bíblia de Jerusalém, 2002, p. 285).

num ensino bíblico comentaram sobre o que era a homossexualidade e eu comecei a entender o que acontecia comigo. Diziam que Deus matava os homossexuais. Eu comecei a achar que eu estava errada, me sentia culpada por amar o filho do pastor... aí comecei a pedir a Deus que ele me curasse, que ele me mudasse, e nada acontecia. Então tentei me matar quatro vezes. **Eles disseram que eu era o Diabo e Deus ia me matar, mas eu não acreditei.** Muitos falaram que Deus não está comigo, em muitos momentos. Eles não conseguem tirar isto de mim. Esta certeza que eu tenho é porque eu vivi minhas experiências com Ele. Este amor de Deus que eu tenho na minha vida é algo que veio até a mim. É um sentimento que cresceu em mim em todos os momentos. Foi Deus quem provou que estava ao meu lado me protegendo sempre. Esta fé ninguém vai tirar de mim, ninguém (SOUZA, 2010).

Josi explicou em outro momento que

depois que me assumi travesti, já na ICM, aí que pessoas da Assembleia que me conheciam como Josué me olhavam mais estranho ainda. Mas eu nem ligava mais. Já tinha me assumido com a certeza de que Deus me fez assim e me ama assim, do mesmo modo como eu amo Ele (SOUZA, 2011).

As resistências aos assujeitamentos ou **não-mortes** equivalem, então, à *não-desconversão* de polos binários a outros, da homossexualidade à heterossexualidade e depois do/a corpo/alma de pessoa trans* ao corpo/alma de pessoa cis – o que demonstra *sucessos momentâneos das enunciações performativas* (Josi tentou suicídio pois em etapas do caminho *acreditou* que Deus havia a abandonado) e *posteriores falhas de tais enunciações*³³ (que na perspectiva da *Josi resistente são sucessos abençoados*): “disseram que eu era o Diabo e Deus ia me matar, mas eu não acreditei” e “foi Deus quem provou que estava ao meu lado me protegendo sempre”, e “esta fé ninguém vai tirar de mim, ninguém”, isto “com a certeza de que Deus me fez assim e me ama assim” (SOUZA, 2010). Na jornada de *(re/des)engenharia identitária generificada/religiosa* de Josi, sua vontade/necessidade de ser quem é, uma pessoa *travesti e de Jesus* e depois *mulher transexual e de Jesus* prevaleceu sobre os discursos religiosos que elaboravam/prescreviam sua **morte gay** e sua **morte trans*** – ou as *desconversões* rumo à cisheterossexualidade. Josi, com o apoio/validação comunitária e institucional da ICMSP, “*inventa a contramola que resiste*”³⁴ (e **re-existe**) a

³³ Enunciações performativas é expressão presente na obra de Judith Butler.

³⁴ A canção é *Primavera nos dentes* e está no primeiro álbum dos Secos e Molhados, homônimo, de 1973, disponível em sites como o Youtube. O restante da letra canta: “Quem não vacila mesmo

tais enunciações. Em outra história, de uma moça que passou por ministério de “cura” de travestis,

Eu vim de Fortaleza. Aqui o que mais tem. Cearense. Paraíba. Maranhense. Do Amazonas tem.³⁵ Quase todas têm a cafetina que banca a vinda pra fazer cirurgia, colocar bunda, peito, hormônio, estas coisas. Toda sabe o que espera aqui sim. Ninguém é boba não. Mas paga o preço, quer ser mulher, sabe que é mona. Tentei trabalhar em outra coisa mas quem dá trabalho prá viado que nem eu? Ninguém vê a gente de mulher, ninguém respeita. Só serve praquela gozadinha rápida. Aí eles prometem que a vida melhora, que Jesus vem, toma conta, mas cadê Jesus que não chega? eu morei em casa de recuperação. Fiquei um ano, acho. Falavam que eu era das trevas e ia conhecer a luz. Fiquei esperando e cadê a luz? **Aí o papo do velho homem que tem que morrer, tentaram, tentaram e cadê que morreu? Não mataram meu gênero não.** Voltei de Fênix, é assim que fala? mais forte que antes. Queria converter meu gênero e não conseguiram. Sou travesti, sou viado, sou o que eu quiser ser e ninguém vai falar que eu não posso. Eu sou bonita. Se sou das trevas eu sou arco-íris das trevas (TIRÉSIAS D, 2014).

Essa narrativa demonstra que não houve êxito nem nas enunciações/prescrições que procuravam **matar** o gênero desta pessoa nem no efeito performativo desejado, a engenharia reversa. A interpelação de que esta pessoa era **das trevas** apresenta um discurso cishet-psi-spi fundado na demonização/psiquiatização/patologização/judicialização/*pecadologização* da pessoa trans*, e obteve sucesso provisório no movimento de *desconversão*, mas em outro momento, prevaleceu o desejo da pessoa em *reconverter-se* (ou tornar-se novamente, **renascer** travesti). A enunciação da morte da travesti e nascimento da ex *falba* e cede lugar à outra morte e renascimento. *Antes* ex-travesti e *agora* (novamente) travesti: há vida onde há um **arco-íris nas trevas**. Tais caminhos de peregrinação/conversão, como nos casos anteriores, envolvem diferentes regimes de validação do crer que – entre costuras,

derrotado / Quem já perdido nunca desespera / E envolto em tempestade, decepado / Entre os dentes segura a primavera”.

³⁵ Vale notar que a “cura” homossexual/travesti/trans em ministérios católicos e/ou evangélicos, por exemplo, interconecta dispositivos religioso, de gênero, de sexualidade, e muitas vezes, de classe e regionalismo, visto grande parte das pessoas a serem “curadas”, em contextos como o do Sudeste brasileiro, são provenientes de outras regiões e sócio-economicamente vulneráveis (MARANHÃO F^o, 2014b) e regimes de validação do crer que, mais que religiosos, são também sexuais/genericados.

*des*costuras e *recosturas* subjetivas – se relacionam com distintos atos performativos, (*re/des*)fazendo gênero a partir da falha enunciativa; e como Weinmann infere, o dispositivo não é estável, uma vez que as forças em jogo também não o são, dados os efeitos de resistência que suscita, quando são geradas “fissuras nos estados de dominação que tal dispositivo engendra” (WEINMANN, 2006, p. 17). Assim, é nas práticas confrontativas e agonísticas que “a subjetividade resiste e toma a si própria como objeto de elaboração” (WEINMANN, 2006, p. 18)³⁶. Ou remetendo a Agamben, o que estas pessoas fazem são profanações contradispositivas de gênero.

2.4 *Concepções que se relacionam ao antes e ao depois*

Como **vivenciamos** até aqui, as narrativas apresentadas aqui têm como conectores os *links* estabelecidos entre (*re/des*)aniquilação / (*re/des*)conversão de corpo e alma através de redes de (*re/des*)fazimentos identitários que (*re/des*)conectam diferentes discursos religiosos/generificados e distintas agências/vontades de pessoas trans*, ex-trans* e em outras categorias identitárias (como é o caso de Rouvanny que diz não ser nem travesti nem ex-travesti).³⁷

Tais histórias contadas demonstram uma diversidade de concepções. Se por exemplo para Josi, Jacque e Alexya a metáfora do Natal – **nascimento** generificado/religioso – é pertinente, para Joide, Felipe e Rouvanny, o corpo *des*transicionado/*des*convertido representa uma Páscoa – **ressurreição** generificada/religiosa. Entre corpos/almas nascidos/as e ressurretos/as (e insurretos/as), a frase atribuída a Picasso “todo ato de criação é antes um ato de destruição” é pertinente, remetendo a corpos e espíritos que são forma(ta)dos, *de*forma(ta)dos, *re*forma(ta)dos e (*des/re*)forma(ta)dos para que o Senhor Jesus habite. Butler também já sinalizava para a destruição do corpo na constituição do sujeito:

o corpo não é um lugar sobre o qual uma construção tem lugar, é uma destruição que forma o sujeito. A formação desse sujeito implica o enquadramento, a subordinação e a regulação do corpo. Ela implica igualmente o modo sobre o qual esta destruição é conservada (no sentido de sustentada e embalsamada) na normalização (BUTLER, 2002, p. 147).

³⁶ Foucault já explicava que o dispositivo “está sempre inscrito em um jogo de poder, estando sempre, no entanto, ligado a uma ou a configurações de saber que dele nascem mas que igualmente o condicionam. É isto, o dispositivo: estratégias de relações de força sustentando tipos de saber e sendo sustentadas por eles” (FOUCAULT, p. 246, 2000).

³⁷ Lembro que em grande monta categorias como *travesti* e *ex-travesti*, dentre muitas outras (ou talvez todas), são utilizadas aqui como *artifícios linguístico-discursivos* para entendermos diferentes (*re/des*)conversões de sentidos identitários, não sendo nem de longe suficientes para representar em completude os (*re/des*)fazimentos subjetivos destas e de outras pessoas.

Normalização e normatização se relacionam à (re/des)construção deste **corpo destruído**, transformado (**transtornado?**) em que o sujeito é (des/re)estabelecido. Pensando na frase da personagem Agrado, de filme de Almodóvar (1999), “se é mais autêntica quanto mais se parece com o que sonhou para si mesma” e no comentário de Sônia Maluf sobre esta Agrado, de que “é a partir das transformações feitas em seu corpo, e principalmente da fala sobre esse corpo, que só ganha existência enquanto corpo do qual se fala, que Agrado aparece como sujeito (MALUF, 2002)”, é a partir da *reforma* de partes do corpo que a subjetivação vai sendo (re)constituída – por vezes *em conexão* com o que *as outras pessoas sonharam – e enunciaram – como autêntico* para a pessoa. Enfim, ser *sujeito assujeitado* parece ser questão, literalmente, de **vida e morte**.

Vida e morte, relacionadas ao ato de **matar o velho homem** e fazer **renascer o novo**, ou em outras palavras, no **antes** e no **depois** subjetivo, é costumeiramente enunciado/anunciado através de fotos (como pode ser visto nas imagens de Tauana e Felipe, acima). Em alguns casos, entretanto, tal **passagem** tem seu sentido *resignificado/convertido*. Observemos nas imagens que seguem um exemplo “clássico” de *antes e depois* de acordo com Joide e uma **ressignificação** segundo Jacques.

Imagens: Antes e depois de Joide Miranda e de Jacque Chanel



Jacque Chanel

8 de dezembro às 13:00

JACQUE CHANEL TAMBÉM FOI ALCANÇADA PELO AMOR DE JESUS!!!

ANTES EM 1981

DEPOIS EM 2013



Curtir · Comentar

Fonte: postagens públicas dos perfis de Facebook de Miranda e Chanel

Se para Joide Miranda, a travesti **morreu** como caminho para **nascer** o pastor; para Jacque Chanel, para **nascer** a pastora foi necessário que a aparência masculina que a identificava socialmente **falecesse**. Como vemos em ambos os casos, o grande indicativo da conversão d'alma está na conversão do corpo, e de certo modo, das (nas) fotos. Podemos – a partir das narrativas colhidas na jornada – *repensar* de muitas formas o sistema sexo/corpo/gênero como Caminho, *descaminho* e *recaminho de (e para) Deus*; ou

sem Deus; ou *do* (e *para* o) Diabo.³⁸ Ser, nascer e morrer para Deus ou para o Diabo, neste caso, parece ser questão de perspectiva. Em relação a fotos de *antes e depois* da “cura”, escutei diversas vezes, de pessoas ex-missionárias de ministérios de “cura” e de pessoas que passaram por tais locais para “terapias de resgate da heterossexualidade”, de que fazia parte do processo a tiragem de fotos de *antes* de ingressarem na instituição – fotos tiradas muitas vezes demonstrando o que se considerava algum tipo de degradação, como durante o consumo de drogas, na iminência de algum programa sexual, ou embaixo de um viaduto, caso a pessoa considerada “sobrante a ser tratada” lá residisse ou estivesse – e fotos tiradas *posteriormente*, com roupas masculinas, cabelo raspado ou cortado, e em condições consideradas por estes ministérios como adequadas. Tais fotos, então, eram direcionadas a instituições religiosas e organizações internacionais para recebimento de financiamentos em moeda estrangeira. Há ainda ligações com políticos evangélicos: Marco Feliciano, por exemplo, protagonizou campanhas de financiamento a uma pessoa que dizia querer deixar de ser travesti (LOPES, 2014). Mas o que levaria tais ministérios investirem em tais “terapias”? Para estas instituições, quais seriam as justificativas para tais “desvios fatais de caminho”?

2.5 Justificativas para o “desvio”

Joide Miranda contou:

hoje eu entendo que quando eu comecei a deformar a minha imagem, eu comecei a tomar hormônio, a deixar o peito crescer, eu não entendi na época né, mas hoje com o conhecimento da Verdade aquilo foi uma forma que eu encontrei de agredir meu pai, porque meu pai vivia dizendo que eu não prestava, que eu não valia nada, que eu era um inútil, então eu quis provar para ele que eu ia ser alguém e não importava como (MIRANDA, 2012).

Joide une em sua explicação a gênese de sua conversão corporal com a tentativa de agredir o pai. Ele aprofunda a justificativa para sua travestilidade: “eu comecei a me desenvolver num terreiro de umbanda onde o pai de santo era homossexual, esse homossexual abusou de mim, um advogado também que morava perto da minha casa abusou de mim, na época eu tinha seis, sete anos”, e posteriormente “a mãe de santo do terreiro de umbanda era uma lésbica e eles fizeram um ritual comigo” (MIRANDA, 2012).³⁹ Robson Staines declara: “eu fui um homem que sofreu um trauma, não nasci *gay*,

³⁸ A própria expressão *caminho de Deus* pode ser compreendida a partir do duplo sentido do genitivo, no *subjetivo*, caminho de Deus em direção à pessoa, e no *objetivo*, caminho da pessoa em direção a Deus. Sobre o corpo transgênero como *caminho*, *descaminho* e *recaminho* em direção à Deus: (MARANHÃO Fº, 2016d).

³⁹ Miranda reforça: “eu não queria ser homem, mas na verdade devido às consequências dos traumas sofridos pelo meu pai na infância, foi uma forma de eu me vingar do meu pai e querer partir para aquela vida” (MIRANDA, 2012).

e fui transformado pelo poder de Deus, eu acredito nisso” (STAINES, 2014). Em concepções como estas, dentre as razões para tais *transgressões* pecaminosas de gênero e/ou orientação sexual e afetiva, destacam-se a “experiência homossexual na infância, anormalidade familiar, experiência sexual fora do normal incluindo sexo grupal ou com animais, e as influências culturais” (VIULA, 2010, p. 73), “trauma, perda da identidade masculina, abuso sexual e violência doméstica” (CAPPELLETTI, 2014), “exposição de menores a ideologias gays afirmativas” (TAY, 2011, p. 147), “ambientes homossexuais ou a favor da homossexualidade na educação escolar” ou “na forma de um relacionamento homossexual” (Idem, 2011, p. 148), fatores pós-natais como a ausência/distância emocional dos pais (Ibidem, 2011, p. 143), abuso sexual e físico infantil praticado por parentes mais velhos (Ibidem, 2011, p. 144) e abuso sexual e físico na vida adulta especialmente no caso de lésbicas (Ibidem, 2011, pp. 144 -147). Tais razões se relacionam ainda a obras infrutuosas das trevas, perversão, devassidão, prostituição, infâmia, iniquidade, morte espiritual, pedofilia, verdadeira doença, disposição mental reprovável, pecado e valores distorcidos e por estas razões são estas pessoas são merecedoras de juízo, ranger de dentes, pranto, dor e “porrete em cima” (MALAFAIA, 2004, p. 32; 2011); são bestialidade, sodomia, perversão, inconstitucionalidade, imoralidade, maus costumes e coisas anti-higiênicas (FELICIANO, 2011), estimuladoras de promiscuidade (BOLSONARO, 2010), pedofilia novamente, “feito o negócio”, atendimento psicológico “bem longe da gente” (FIDÉLIX, 2014). Além destas justificativas que remetem ao que chamei *teologia cisbet-psi*, destacam-se ainda as **causas espirituais**. Rouvanny contempla que

quando eu ia aos terreiros de macumba eu via as pombagiras, as ciganas, a tranca rua, um monte, as sete saias, eu sempre via isso e elas são assim bonitas, elas chamam, tem atração. Chamam elas, idolatram elas com imagem, tudinho e coloca champanhe, coloca cigarro, axé, me dá sorte, me dá homem, me dá dinheiro. Quando eu ia no terreiro eu via as pessoas incorporar e de repente a pessoa mudava tudo, uns se torciam, os homens ficavam mais afeminado. (...) Eu cheguei a um pensamento depois, o meu pensamento, não to dizendo se é, não sei se é, mas eu cheguei depois a pensar que de verdade eu não incorporava porque eu já era uma pombagira, eu já tinha, eu já carregava ela comigo, entendeu? (MOURA, 2014).

Rouvanny entende que, mais que acompanhado pela pombagira, ele mesmo era uma. A justificativa para a travestilidade era espiritual, portanto. Rouvanny comenta ainda, no AcampaMona, que a violência doméstica é um motivo forte: “o nosso pai xingou a gente que nós íamos ser viados (...) os nossos irmão também deram uma palavra da violência, que é a violência psicológica, que são palavras que você guarda no seu coração e você cresce com essa palavra, que você é incapaz, que você é um drogado, que

“você é um viado”. Tal violência se relaciona com o trauma e frustração, segundo uma oração no AcampaMona:

Deus, tu sabes que são homens, frustrados, feridos, dominados pelas forças do mal. Talvez a única diferença desses homens que aqui estão diante de nossos olhos, a um espetáculo estranho, bizarro aos nossos olhos ou aquilo que estamos acostumados, mas são homens que precisam da tua graça, são homens que precisam do teu amor. Tua igreja é uma agência de salvação de vidas, treinamento de perdidos salvos, ajuda-nos a viver essa realidade, Deus, toma conta. Você sabe das frustrações que tomaram conta das suas vidas (PASTOR@ DO AM).

Um@ pastor@ do AcampaMona explicou:

muitos desses começaram sentindo prazer assim, os tios, os primos... eles não têm sentimento que estão sendo abusados, gerando sentimento no cara, mas quando ele cresce, quando ele recebe penetração ele continua sendo abusado até os 12 anos. Em outros casos também já estudado por mim a criança nasce com uma certa quantidade de hormônio feminino aí nesse caso ela tem formas diferentes, percebe o cheiro do homem diferente. Quando ela chega na puberdade começa a sentir igual mulher (PASTOR@ DO AM).

Além disso,

eu conheço casos em que a criança foi oferecida quando bebê a um demônio para que quando ele completasse doze anos esse demônio dirigisse a vida dele. Especificamente era um demônio chamado pombagira. Um demônio que age na área sexual, na deturpação sexual, entendeu? (...) eu conheço muitos casos que a criança foi oferecida. Aí ela cresceu. Ela nasceu, aí os pais levaram no centro e disseram: nós queremos consagrar nossa filha à Maria Padilha, que é uma entidade da pombagira, um tipo de pombagira. Aí levou a criança lá, a criança foi consagrada com 5/6 meses, o menino cresceu e depois de um tempo quando completou 12/13, ele cresce já diferente, cresceu cheio de trejeitos. Quando completou 12/13 anos foi buscar a experiência pessoal já buscou com homens, geralmente mais velhos e tudo mais. Foi o que aconteceu. Nestes casos... o diabo é

legalista. Foi feita uma oferta pra ele, entendeu? O pai foi lá e pôs. Ele vai ficar o tempo todo dizendo: ela é minha, ela é minha, ela é minha. Foi dada pra mim, foi dada pra mim, foi dada pra mim. Então ele vai ficar atrás perturbando e vai criar todas as possibilidades pra que a criança seja colocada dessa forma ou numa questão de abuso, de tudo mais, entendeu? Então existe o caso espiritual (PASTOR@ DO AM).

Para Tauana, ao cortar o cabelo de Felipe, estava claro que “Diabo, nesse momento ele está sendo envergonhado. Porque aquilo que ele sonhou tá acabando de ser destruído” (FELIZARDA, 2014). Para um@ missionári@ de São Gabriel da Cachoeira,

tem diversos demônios. Eu tive a oportunidade de ver vários estudos de homens de Deus, como o pastor Marcos Feliciano, Malafaia e diversos outros. Diversos estudos mostram que pro cara ser homossexual vem desde a infância, o que influencia muito isso é a própria televisão que é uma porta, uma janela aberta pra Satanás entrar na vida da pessoa (MISSIONÁRI@ DE SGC, 2014).

Dentre tais entidades encontram-se entidades específicas como “o demônio pombagira Lady Gaga”, que faz companhia a outras, mais recorrentes e igualmente nocivas:

o tranca-rua, exu caveira prejudicam muito a vida da pessoa homossexual, muito mesmo. Porque assim, se entra um pra fazer a cabeça do homossexual, aí dá brecha pra todos, entra o espírito da prostituição, entra da... de tudo, tudo que não presta. Por isso que a gente fala às vezes de legião. Tem uma legião, não é um só, são muitos, diversos. No caso dele que era travesti era mais forte, porque custou demais pra ele sair do corpo dele (MISSIONÁRI@ DE SGC, 2014).

Resumindo, as causas seriam trauma, abuso sexual, físico, emocional ou psicológico, rejeição, ausência dos pais, experiência homossexual na infância, ambiente escolar, sexo grupal ou com animais, consagração da pessoa a cultos afros, participação da pessoa em cultos afro, contato com pombagiras, mídia, contato com ideologias *gays* ou travestis afirmativas, hormônios do outro sexo – e às vezes são causas conjuntas. Como me explicou uma pessoa da área da psicologia, com exceção das causas espirituais, as demais serviram historicamente – aliás, servem

para justificar não só a homossexualidade como a prostituição, o alcoolismo, o uso de *crack* e outras drogas, a pessoa ser assassina ou traficante, são estas ‘causas’: trauma, abuso sexual na infância, rejeição do pai ou da mãe, superproteção da mãe (PSICÓLOG@, 2014).

Percebemos que certas concepções evangélicas que se amparam em alguns discursos das áreas psi são recorrentes – escutamos/lemos o mesmo nas narrativas de Malafaia, Feliciano, Joide, Tauana, Tay, etc., e valem para validar a “cura” de pessoas gênero-divergentes ou com orientações afetivo-sexuais *fora do padrão de Deus*. No caso, acrescem-se justificativas acerca do apelo midiático e espiritual. A pessoa é vista como consagrada ao demônio, abominação a Deus e abandonada por Ele, recebendo acolhimento do capeta em suas muitas moradas, em especial nas chamadas “casas de encosto” lideradas por “pais de encosto” (expressões usadas por pessoas evangélicas para se referirem a casas de santo e pais e mães de santo). Ora a pessoa é referida como consagrada ao capeta, ora como filha dele, ora como o próprio. Uma clara solução está na transformação/conversão do corpo: a pessoa travesti que **renasce homem** restaura identidade de corpo e alma e pode ser melhor aceita no porvir. Tais justificativas, amparadas em um *dispositivo religioso ultraconservador* e no *dispositivo da cishnorma*, plenos de falácias, muitas vezes conduzem ao fanatismo violento, no sentido dado por Norberto Bobbio, de que “no conceito de fanatismo está implícito que a ideia da qual o fanático é devoto é uma ideia falsa e perigosa, não digna de ser abraçada com tanta perseverança” (BOBBIO, 2007, p. 464). Tal dispositivo opressor e hierarquizante trabalha com absolutismos: **fora da cisheteronormatividade não há salvação** – algo que se atesta a partir da validação institucional (do próprio ministério de “cura” e da validação comunitária (no caso de outras pessoas ex-travestis que reforçam a necessidade da “conversão” de gênero como via salvífica). Esta captura de corpos e almas converge ao que Foucault falava sobre o dispositivo da sexualidade:

não há que imaginar uma instância autônoma do sexo que produziria secundariamente os efeitos múltiplos da sexualidade ao longo de sua superfície de contato com o poder. O sexo é, pelo contrário, o elemento mais especulativo, o mais ideal, o mais interior em um dispositivo de sexualidade que o poder organiza em suas capturas dos corpos, sua materialidade, suas forças, suas energias, suas sensações, seus prazeres (FOUCAULT, 1988, p. 205).

É efeito do dispositivo da cishnorma essa captura de corpo e alma e, por vezes, em termos de subjetivação, capturar/aprisionar é metáfora para morrer. Tais justificativas podem ser refutadas, especialmente, por se tratarem de sofismas.

2.6 A “cura” gay, travesti e trans

“Curar, restaurar e libertar do homossexualismo” é uma concepção arraigada em diversas igrejas católicas e evangélicas brasileiras. Durante a minha tese de doutorado (2014b), soube de ministérios evangélicos especializados em “cura, restauração e libertação de homossexuais” em todas as regiões do país – como, por exemplo, no município de São Gabriel da Cachoeira (SGC), Alto Rio Negro (na região conhecida como “cabeça do cachorro”, no Amazonas), quando tive contato com uma igreja evangélica que dizia praticar a “cura” de homossexuais e travestis indígenas da região. SGC é a última cidade do Brasil a noroeste, o que demonstra que este movimento de “cura” é mais ampliado do que se pode supor (MARANHÃO F^o, 2015a).

Para Marcelo Natividade, é possível distinguir três categorias no discurso evangélico sobre *cura, libertação e restauração sexual*:

A primeira é alcançada em um processo, referido como *cura das memórias*, o que indica a influência de um discurso psicologizante na prática religiosa. Já a *libertação* toma como ponto de partida a noção de *possessão* e enseja uma prática ritual na qual fiel e pastor encenam *performances* de expulsão do mal. A categoria *restauração sexual* circunscreve um ideal a ser atingido: a adequação a um modelo de gênero condizente com o ideal de homem e mulher de Deus. Parto dessa classificação mais geral para a análise dos discursos sobre a *cura* da homossexualidade (NATIVIDADE, 2006, p. 123).

Tais categorias podem ser aplicadas a outros públicos, relacionados às não-heterossexualidades/afetividades e às não-cisgeneridades, como, por exemplo, no caso das não-cisgeneridades, às travestis, alvo constante de ministérios de “cura do homossexualismo” ou “resgate da heterossexualidade”. Importa, aqui lembrar, que as não-heterossexualidades/romanticidades não devem ser (con)fundidas com as não-cisgeneridades. As travestis, por exemplo, não são necessariamente homossexuais: há travestis heterossexuais, bissexuais, polisssexuais, pansexuais, asseduadas, homossexuais, dentre outras classificações referentes à sexualidade⁴⁰. Entretanto, ministérios de “cura, restauração e libertação” de homossexuais costumam, equivocadamente, englobar

⁴⁰ Da mesma forma, em relação às definições referentes à romanticidade/afetividade, há travestis heteroafetivas, homoafetivas, biafetivas, poliafetivas, panafetivas, e a-afetivas. Nem sempre estes elementos “casam” na perspectiva de quem “está de fora” (ou seria “por fora”?): por exemplo, uma travesti pode se relacionar afetivamente com uma mulher cisgênera ou transgênera, sendo assim, *homoafetiva*, visto que as travestis costumam se entender no campo da feminilidade. Ao mesmo tempo, eroticamente, pode se relacionar com homens transgêneros ou cisgêneros, sendo considerada *heterossexual*.

travestis como tal. E por que a “cura, restauração e libertação” de gênero e/ou de orientação afetiva/sexual pode ser considerada uma falácia?

Não há cura para a homossexualidade, pois a mesma **não é doença**, assim como as demais vivências não-hetero (como a bissexualidade, a polisssexualidade, a pangeneridade e a assexualidade, dentre outras). Da mesma forma, não há cura para a travestilidade, bem como para outras experiências não-cisgêneras/transgêneras, como a transexualidade feminina ou masculina, a não-binariedade, etc, visto estas também não serem doenças a serem curadas. Sendo assim, se não há cura para tais pessoas, visto que não ser hétero e/ou não ser cisgênero/a/e não é doença e, portanto, não é algo que deva ser patologizado / psiquiatrizado / judicializado / *pecadologizado*, tais mecanismos de “recuperação” são falaciosos. Enfim, em relação a este tema, de certo modo, é possível dizer que sim, a cura é possível e é necessária: e o que precisa de cura é a transfobia, a travestifobia, a lesbofobia, a bifobia, a homofobia, o sexismo, o masculinismo, o racismo, a xenofobia, a misoginia, a falsa simetria, o capacitismo, o elitismo, e por que não dizer, o academicismo. As “justificativas” (com ou sem aspas?) para as orientações não-hétero e identidades/subjetividades não-cisgêneras que vimos mais acima se articulam a um conteúdo que podemos entender como religiosamente transfóbico ou pleno de **transfobia religiosa / espiritualista**, expressão que pode ser definida como a aversão / discriminação / intolerância / violência a pessoas transgêneras a partir de concepções, pressupostos e/ou dogmas religiosos ou espiritualistas (MARANHÃO F^o, 2014b).

2.7 Transfobia religiosa / espiritualista: entre o falar, o calar e o matar

Joga pedra na Geni! Joga pedra na Geni!
Ela é feita pra apanhar! Ela é boa de cuspir!
Ela dá pra qualquer um! Maldita Geni!

Chico Buarque

A transfobia religiosa se apresenta, exemplarmente, em falas como a seguinte, de um pastor pentecostal: “Travecos e homossexuais não são apenas dominados pelo diabo, eles são o próprio demônio encarnado. Quando estes caras não querem se curar e serem varões, Deus olha, abandona estas pessoas, vira as costas e vai embora” (PASTOR@EVANGÉLIC@, 2012). Concepções esboçadas em narrativas (violentas e violentadoras) como essa paradoxalmente remetem ao livro que supostamente é sagrado a tais pessoas, a Bíblia – e que em um de seus trechos lembra o quanto a língua pode ferir e matar:

6 Ora, também a língua é fogo. Como o mundo do mal, a língua é posta entre os nossos membros maculando o corpo inteiro e pondo em chamas o ciclo da criação, inflamada como é pela *geena*.⁴¹ 8 mas a língua, ninguém consegue domá-la: é mal irrequieto e está cheia de veneno mortífero.
9 Com ela bendizemos ao Senhor, nosso Pai, e com ela

⁴¹ *Geena* é sinônimo de inferno, local de sofrimento eterno através do fogo.

maldizemos os homens feitos à semelhança de Deus
(TIAGO, 3: 6, 8 e 9, p. 2.110, 2002).

Remetendo ao trecho bíblico acima, é esta língua – inserida em um dispositivo da oralidade (CAMOZZATTO, 2017) conectado ao do gênero binário (LANZ, 2014) – que incendeia, amaldiçoa, envenena e fere, podendo ocasionar episódios multidolores de preconceito, discriminação, intolerância, calúnia, injúria, difamação e violência. Os sofismas – raciocínios que aparentam coerência mas se fundamentam em inverdades preparadas para induzir a erros – se valem, na voz de pessoas com alguma autoridade religiosa/política/midiática, de consubstancial reforço, visto o argumento de autoridade ser validado⁴² a partir da própria ideia de que da autoridade emana saber e poder, que suas enunciações / interpelações contem competência, eficácia e verdade. Mais que isso, que provem de um poder que vem do alto, da transcendência, enfim, que o poder supremo reveste a fala daquele que tem o poder material (poder este que se torna material+espiritual). É na crença de que um líder religioso fala em nome de Deus que uma pessoa que recebe a interpelação “você deformou seu corpo e está fadado ao inferno” que esta enunciação pode se fazer – terrivelmente – exitosa. Quando fala a “autoridade” religiosa, calam-se as vozes subalternas. Ou lembrando Orlandi, quando trata do discurso religioso autoritário, “reformulando a definição que havia proposto, eu diria agora que no discurso religioso, em seu silêncio, ‘o homem faz falar a voz de Deus’ (ORLANDI, 2007, p. 28)” – o que pode ser complementado com a ideia de que, não só no silêncio do não dito como do *dito* do discurso religioso autoritário (que por vezes é maldito, no sentido de amaldiçoador de existências), a pessoa líder religiosa, autorizada a falar em nome de Deus, é percebida como enunciativa performativa capaz de dar sentido e significado para a continuidade da pessoa no mundo – ou fazer existir e deixar de existir. De fato, durante a tese (2014b) conversei com dezenas de pessoas não-cisgêneras e não-hétero que relataram terem tentado suicídio e/ou conhecerem pessoas que efetivamente tiraram suas próprias vidas após enunciados de igrejas evangélicas e católicas de que “estavam com o demônio”, que “eram o diabo”, e que “Deus as tinha abandonado ou iria matá-las”. Em alguns casos, algumas destas pessoas haviam internalizado a transfobia, ou seja, passaram a sentir ódio ou aversão a elas mesmas. Em outros, não haviam sido tomadas por tal auto-percepção, mas, amedrontadas e frustradas por conta de suas subjetividades/identidades de gênero, ou por suas orientações afetivo/sexuais, e crendo que estavam sem Deus e à mercê do mundo, sendo por estes (Deus e o mundo) odiadas, escolhiam abreviar o sofrimento através da morte.

Como notado, a transfobia religiosa/espiritualista costuma se dar a partir de regimes de verdade e poder enunciados a partir do dispositivo da cisheteronormatividade. E é bom realçar que tal transfobia *trans*parece em diversos âmbitos e de diversas formas,

⁴² Esse discurso de autoridade que muitas vezes envolve o raciocínio sofismático pode remeter, de alguma forma, à pessoa famosa que faz propaganda de refrigerante, margarina ou absorvente: tal recurso de autoridade (midiática advinda de sua posição de celebridade) seria base para o entendimento de que tal produto tem qualidade comprovada.

ultrapassando o cosmos católico e evangélico. Em um caso recente envolvendo igrejas do Santo Daime, por exemplo, Alexander Oliveira (Kari), homem trans,⁴³ denunciou a igreja Céu de Saint Germain, localizada em Macapá, Amapá, por não aceitar sua transmasculinidade, quando líder da igreja sugeriu que o mesmo participasse do ritual no batalhão feminino. Complementa, entretanto, que outra igreja de Daime da mesma cidade o aceitou em plenitude (OLIVEIRA, 2017). De modo semelhante, Larissa Rios, uma mulher transexual, narra que “Mestre Irineu me fardou e me deu lugar no ala feminina é claro,⁴⁴ pois o Mestre está no Reino Celestial e sabe que o Reino do Senhor Jesus Cristo não está submetido ao Ego e aos Discursos humanos, que são inúteis diante do Rei Santíssimo!” (RIOS, 2017). É importante notar que “cada casa é um caso”,⁴⁵ e a transfobia religiosa/espiritualista – entendida aqui como a não aceitação da pessoa transgênera (binária⁴⁶ ou não-binária⁴⁷) como ela é –, pode aparecer em qualquer ambiente religioso

⁴³ *Homem trans* é uma subjetividade ou identidade de gênero, tratando-se “da pessoa designada do sexo/gênero feminino ao nascer ou durante a gestação e que se identifica no sistema sexo/gênero masculino. Há, entretanto homens trans que se entendem simultaneamente não-binários. Como me explicaram ativistas do movimento transmasculino paulistano em 2014, homem trans refere-se a um guarda-chuva que acolhe identidades como homem transexual, transhomem, homem transgênero, relacionando-se também a homens trans não-binários” (MARANHÃO F^o, 2014b, p. 733). Sobre trajetórias e subjetivações de homem trans, ler: NERY, 2011; NERY, MARANHÃO F^o, 2013, 2017).

⁴⁴ No Daime, pessoas consideradas homens participam do ritual no batalhão masculino, enquanto pessoas lidas como mulheres ficam no batalhão feminino. Colocar Oliveira no batalhão feminino é forma (transfóbica) de desrespeitar seu gênero masculino, ao passo que Rios, inclusa no batalhão feminino, foi legitimada como mulher.

⁴⁵ A expressão “cada casa é um caso”, faz notar que diferentes casas de santo (ou terreiros) adotam diferentes posicionamentos acerca do mesmo assunto, sendo esta uma “expressão que pode ser ouvida entre o povo-de-santo” (DELATORRE, 2014, p. 3).

⁴⁶ *Pessoas binárias* são aquelas que se identificam em totalidade e sem fluidez como mulheres ou homens e não em uma mescla ou um entre-lugar entre as duas identificações (MARANHÃO F^o, 2014b, p. 714).

⁴⁷ *Não-binárias* é o termo neutro para pessoas não-binárias, ou que *não se encaixam/enquadram integralmente* em nenhum dos gêneros binários, feminino ou masculino. A maioria das pessoas não-binárias (n-b) se considera trans* (ou trans, ou transgênera) por não estar em conformidade com o sistema sexo-gênero outorgado no nascimento (ou na gestação) – ainda que não se sintam totalmente encaixados no sistema sexo-gênero “oposto”. Por exemplo: a pessoa foi designada “menina” ao nascer mas não se identifica com tal enunciação, ao mesmo tempo em que não se vê como “menino”. Há homens trans, mulheres transexuais e travestis (identidades de gênero costumeiramente entendidas como binárias), que se consideram concomitantemente n-b. Algumas não-binárias se percebem *agêneras* (sem gênero) ou *bigêneras* (com dois gêneros, não necessariamente binários), ou nenhum dos dois. Há, dentre muitas equações possíveis, quem se entenda metade menina e metade agênera, ou parte bigênera, parte só menino e parte alguma outra coisa. A abreviatura de não-binária é n-b. Em inglês, abrevia-se enby, algo como não-bi. Além de identidades não-binárias, é possível pensarmos em *expressões de gênero não-binárias* e em *situações ou biografias não-binárias*, inclusive em alguns casos não-voluntárias. Há entre pessoas n-b um amplo espectro de identidades possíveis relacionadas à *multiplicidade, ausência, fluidez, ambiguidade, parcialidade,*

ou espiritualista. Tomando como base análise sucinta que fiz do que podemos chamar provisoriamente de *círculo místico da ilha da magia* (Florianópolis, Santa Catarina) entre 2016 e 2017, vivenciei ou soube de casos em que pessoas transgêneras em geral (a partir de auto-declarações como homem trans, mulher transexual, travesti e não-binária, dentre outras) não eram aceitas – na integridade subjetiva de seu gênero – em círculos de sagrado feminino, sagrado masculino, santo daime, kardecismo, umbandaime, umbanda, xamanismo e wicca. A justificativa era, de modo geral, que as pessoas eram entendidas como mulheres se tivessem estrutura física de mulheres, incluindo útero,⁴⁸ por exemplo, e como homens caso tivessem “todo o aparato de homem”. Pessoas não-binárias, de modo idêntico, deveriam ser encaixadas conforme seu “sexo de nascimento”. Tal biologização do corpo/sexo/gênero (por que não dizer também d’alma?) que pode ou não ser considerado feminino ou masculino (ou memo não-binária) não leva a sério as sensibilidades e subjetividades de pessoas que não nasceram com o aparato físico esperado a quem é outorgado/a “homem” ou “mulher”. No caso, por exemplo, de pessoas que se declaram mulheres trans e travestis e que não são aceitas em tais ambientes por não terem útero, ovários ou passarem por ciclos menstruais, ficam indagações: o que é ser mulher? É realmente algo referente ao biológico? Não é, afinal, uma questão política e sócio-cultural? quantas mulheres (assim designadas ao nascerem) não tem útero, ovários, seio(s)? por acaso deixam de serem consideradas mulheres? Afinal, para ser considerada mulher é necessário passar por ciclos menstruais? Creio que não: ser mulher é questão do subjetivo, não do biológico. De todo modo, e como mencionado, o assunto não deve ser considerado a partir de uma chave reducionista ou essencialista: a transfobia religiosa / espiritualista pode transparecer em um terreiro e não em outro, em uma filial de determinada igreja e não em outra filial, em um círculo sagrado e não no outro, em uma pessoa e não na outra, etc. Nos casos da não-aceitação de pessoas transgêneras, ficava patente o dispositivo da cisnormatividade binária, fundada na biologização (muitas vezes coligada a uma patologização/psiquiatrização/judicialização) destas e sem levar em conta suas emoções, sensibilidades e subjetividades.

Essa língua que no **dizer e fazer calar**, muitas vezes **fere e mata**, literal ou metaforicamente, presente de modo fulcral no *dispositivo do ultraconservadorismo religioso* (social, aliás), tão conectado ao *dispositivo da cisheteronorma*, muitas vezes teima em se silenciar para respeitar os direitos das demais pessoas. Para algumas pessoas que

neutralidade de gênero. Pessoas n-b em geral estão em um lugar identitário que não as situa como totalmente mulher ou totalmente homem, ou seja, não devem ser confundidas com pessoas que se sentem *nem um pouco* mulher e *nem um pouco* homem, a não ser que a pessoa assim se defina. No caso destas últimas pessoas, estas costumam se identificar como agêneras, por exemplo, que pode ser considerado uma identidade n-b ou uma ausência de identidade de gênero – como em tudo em relação à automarcação/declaração de gênero, o ideal é saber da pessoa agênera se ela se sente e quer ser considerada n-b ou sem gênero (ou outra alternativa) (MARANHÃO F^o, 2014b, p. 743).

⁴⁸ Escrevi sobre transfobia religiosa de candomblecistas a pessoas trans do candomblé, com justificativas como “você não tem útero, portanto é homem”, anteriormente (2014b, 2016a).

perpetuam tal dispositivo, criticar ou resistir (*re*-existir, porque não?) a tais falas seria considerado "cristofobia".⁴⁹ Tal termo é utilizado por setores evangélicos e católicos superconservadores de maneira semelhante à expressão "ideologia de gênero", procurando instaurar espécie de caos/pânico social. Do modo como é

apresentada nas concepções de líderes religiosos como Marcelo Crivella, Silas Malafaia e Marco Feliciano, a cristofobia é relacionada a uma suposta "mordaca gay", que impediria que se dissesse que pessoas homossexuais são influenciadas pelo diabo ou o próprio diabo. Uma possível explicação seria a de que cristofobia é "quando a gente fica amordaçado e não pode dizer que macumbeiro e gay é aberração, que vai pro inferno, que é doença ficar se beijando na rua como hétero faz e que querem adotar nossas crianças. A verdade é que a Bíblia condena o homossexualismo, a bruxaria e a macumba, e diz que vão todos pro lago do enxofre onde tem dor e ranger de dentes". Para pessoas que compreendem cristofobia desta forma, estas sofreriam intolerância por não poderem dizer, por exemplo, que outras pessoas, por serem homossexuais ou de outras religiões, estão endemoninhadas, traumatizadas, doentes, e serão queimadas no fogo do inferno (MARANHÃO F^o, entrevista a MARTINS, 2016, p. 543).⁵⁰

⁴⁹ O uso deste vocábulo está relacionado "diretamente à um "combo teológico" que tem como bases as Teologias do Domínio, da Batalha Espiritual e da Prosperidade, caras especialmente no neopentecostalismo, mas também presentes no pentecostalismo e em outras vertentes do cristianismo. A Teologia do Domínio, exemplarmente, objetiva a conquista de espaços na mídia, na cultura e na política, inclusive através da eleição de parlamentares, como é o caso da bancada evangélica (MARANHÃO F^o, 2016, p. 543, entrevista a MARTINS, 2016).

⁵⁰ Vale lembrar que "para entender um contexto recente sobre a "cristofobia", e que se relaciona com a tomada de espaços públicos por uma Teologia do Domínio, que no primeiro semestre de 2016, o vereador paulistano Eduardo Tuma, do PSDB e vinculado à Bola de Neve Church (igreja evangélica que tentou por duas vezes censurar na Justiça livro que escrevi sobre ela), propôs projeto de lei que tentava instituir o "Dia de Combate à Cristofobia", a ser celebrado no dia de Natal. Tal projeto, contudo, foi vetado por Fernando Haddad, à época prefeito de São Paulo, que argumentou que a data prestaria um desserviço aos esforços em prol da convivência pacífica com a pluralidade democrática e estimulava a separação entre cristianismo e outras religiões, além de populações como a LGBT. O veto de Haddad notava ainda que ao tentar vitimizar um grupo majoritário na sociedade brasileira, o projeto apresentava a intenção de provocar os defensores dos direitos das minorias. A narrativa de Haddad sinaliza para um ponto que ao meu ver é fundante na questão da "cristofobia" brasileira: a da falsa simetria"(MARANHÃO F^o, entrevista a MARTINS, 2016, p. 543).

Tal termo é ainda marcado por falsa simetria, semelhantemente a termos como *racismo reverso* e *heterofobia* (MARANHÃO F^o, entrevista a MARTINS, 2016, p. 544). De toda maneira, concepções transfóbicas como as descritas mais acima, com base no dispositivo de gênero binário, que essencializa as questões de gênero com base no físico, e especialmente as que fomentam claramente a violência e a violação da integridade física, emocional e espiritual das pessoas transgêneras, podem – assim como o racismo estrutural pode provavelmente embasar a intolerância a religiões de matriz afro-brasileira – fomentar a violência (também estrutural) não só moral/emocional/espiritual/religiosa como a física. Assim, é plausível que este caldo religioso fomenta, em alguns ou em muitos casos, o assassinato de travestis no Brasil⁵¹.

3. (Alguns dos) assassinatos de travestis no primeiro semestre de 2017

Esta cova em que estás com palmos medida, é a conta menor que tiraste em vida

É de bom tamanho nem largo nem fundo, é a parte que te cabe deste latifúndio

É uma cova grande pra teu pouco defunto, mas estarás mais ancho que estavas no mundo

É uma cova grande pra teu defunto parco, porém mais que no mundo te sentirás largo

É uma cova grande pra tua carne pouca, mas a terra dada, não se abre a boca

Chico Buarque

Um dado recente está no mapa organizado pela *Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA)* com casos recentes de assassinatos de pessoas transgêneras auto-identificadas como travestis, mulheres transexuais e homens trans. Os dados, públicos, foram compilados a partir de divulgação midiática, sendo a morte de pessoas transexuais e travestis – especialmente as que trabalham na rua, como garotas de programa – o tipo de tragédia anunciada que não costuma ser anunciada pela mídia, ou seja, certamente o número de pessoas assassinadas é superior ao descrito no mapeamento: 75 pessoas do começo de 2017 a 16 de junho do mesmo ano.⁵² Como comenta Juliana Baeta, “o país segue pelo sexto ano consecutivo como o que mais mata essa população no mundo” (BAETA, 2017), tais assassinatos podendo ser considerados, de acordo com Jaqueline Gomes de Jesus, uma “violência letal de gênero, em que as mulheres transexuais e as travestis são alvos recorrentes”, afigurando-se, “em um nível superficial, na categoria dos crimes de ódio,⁵³ e em um nível mais profundo, como uma forma de genocídio”⁵⁴. Alexya Salvador comenta:

⁵¹ Este artigo foi encaminhado para publicação em meados de junho de 2017. Colhendo alguns dados, é possível perceber a extensão da transfobia – religiosa ou sem fundo religioso específico ou detectável – em uma pequena espessura da duração, do início do primeiro semestre deste ano até 16 de junho do mesmo.

⁵² Outro mapeamento, realizado pela Rede Trans Brasil, foi realizado em 2016 (NOGUEIRA, ARAÚJO, CABRAL), também apresentando casos diversos de assassinatos e violências contra pessoas que se identificam como travestis, mulheres transexuais e homens trans.

⁵³ Jesus explica que a violência contra transexuais e travestis repete “o padrão dos crimes de ódio, motivados por preconceito contra alguma característica da pessoa agredida que a identifique como

eu tenho absoluta certeza que toda fobia cometida contra a população LGBT tem sua origem no cristianismo. Digo isso porque o cristianismo é uma religião que legitimou toda forma de segregação e morte em nome de Deus. Sendo assim, o sistema patriarcal não admite desertores. Eu sou uma desertora de gênero, e por isso, para este sistema, **mereço ser sentenciada à morte**. É isso que a sociedade pensa e reproduz há mais de dois milênios de cristandade (SALVADOR, 2017).

Levando em conta a afirmação de Alexya, desertora e profanadora do dispositivo de gênero, é realmente plausível que a recorrente violência a pessoas não-hétero e não-cis, e especificamente a transfobia religiosa/espiritualista, se dê através da iteração e reiteração contínua do dispositivo da cisheteronorma que **comunga mortiferamente**, em grande parte dos casos, ao dispositivo do ultraconservadorismo religioso. Este, revivendo espécie de *malleus maleficarum* e remetendo ao imaginário intolerante do medievo, parece continuar promovendo a caça às bruxas de sempre: mulheres cisgêneras, pessoas não-hétero e não-cis.

Considerações inconclusivas

Meu bem, mas quando a vida nos violentar

Pediremos ao bom Deus que nos ajude

Falaremos para a vida: Vida, pisa devagar, meu coração, cuidado, é frágil

Belchior

Talvez seja possível dizer que quando uma travesti é assassinada temos, enquanto sociedade, algum tipo de responsabilidade, ou usando uma narrativa acima descrita, mas em perspectiva diversa, por nosso silêncio anuente **carregamos no caixão** cada travesti (e cada pessoa transgênera) que é assassinada. Mas é necessário *tomarmos partido*⁵⁵ e atuarmos na educação. Como Spivak conclui em seu livro (2014), “o subalterno

parte de um grupo discriminado, socialmente desprotegido, e caracterizados pela forma hedionda como são executados, com várias facadas, alvejamento sem aviso, apedrejamento (STOTZER, 2007), reiterando, desse modo, a violência genérica e a abjeção com que são tratadas as pessoas transexuais e as travestis no Brasil” (JESUS, 2013, p. 113).

⁵⁴ JESUS, 2013, p. 101. A autora infere a concepção de genocídio que utiliza: “Genocídio, união dos termos gregos *genos* (grupo) e *cide* (matar). Etimologicamente, significa matar um grupo.” Para Jesus, “dentre os atos listados como característicos de genocídios, os diretamente relacionados à violência estrutural a que a população transgênero brasileira é submetida, e que culmina nos assassinatos, são os relacionados à alíneas a, b, c e d” (JESUS, 2013, pp. 117-118).

⁵⁵ Comentei em ocasião anterior (2016b) os desafios de fazer minha pesquisa de doutorado – uma pesquisa em que *tomar partido*, inclusive ao tratar de subjetividades e sensibilidades, assuntos nem sempre bem quistos na academia.

não pode falar. Não há valor algum atribuído à “mulher” como um item respeitoso nas listas de prioridades globais”, e “a mulher intelectual como uma intelectual tem uma tarefa circunscrita que ela não deve rejeitar com um floreio” (SPIVAK, 2014, p. 165). Em sentido semelhante, na sociedade dispositiva da cisheteronorma, pessoas não-hétero e pessoas não-cis – além das mulheres cis – ainda “não deveriam falar”, visto serem violentadas quer seja pela invisibilização de suas subjetividades e direitos, quer seja por outras violências simbólicas e por violações físicas. Mas não rejeitemos esta tarefa, que pode agregar pessoas cis / hétero que não se (con)formam / (de)formaram com tais mecanismos de violenta exclusão. E como anotou Bobbio,

a experiência histórica nos ensina que as sociedades mais imunes às infecções do Fanatismo são aquelas em que a educação intelectual e civil tende sempre mais a fundamentar-se na livre discussão das ideias mais do que no ensino (autoritário) de sistemas de verdades já definidas, e, cujo regime é inspirado no princípio da multiplicidade das vias de acesso à verdade e, portanto, na rejeição de uma filosofia ou ideologia de Estado, que não seja a da coexistência pacífica de todas as filosofias e ideologias (BOBBIO, 2007, p. 466).

E neste caminho, em uma “arte contrária a todas as formas de fascismo”, fazendo “crescer a ação, o pensamento e os desejos por proliferação, justaposição e disjunção, mais do que por subdivisão e hierarquização piramidal” (FOUCAULT, 1977, p. 14), não nos permitindo sufocar pelos atos inquisitórios e cerceadores da educação (e estou falando contra o sofismático projeto Escola Sem Partido, que traz à reboque sofismas como ideologia de gênero,⁵⁶ feminismo como supremacia feminina,⁵⁷

⁵⁶ É possível pensarmos que há um projeto de poder a ser mantido e que norteia a concepção ultraconservadora brasileira, fundamentado na regulação do comportamento social a partir de uma ótica cristã católica e evangélica hegemônica. Algumas das tentativas de descrever/prescrever, normalizar/normatizar, realizadas através de concepções católicas e evangélicas conservadoras, está nas questões que se relacionam a gênero e sexualidade. Como exemplos borbulhantes, temos as votações em Câmaras Municipais Brasil afora para retirada de termos como *gênero* nos planos de educação. Em algumas cidades, por mais que pareça absurdo, termos como “gênero literário” e “gênero alimentício” foram subtraídos de planos, livros e manuais pedagógicos, o que mostra o quanto é necessário se falar sobre gênero – visto tantas pessoas não terem nem ideia do que se trata. Em outras cidades, termos como diversidade, negritude e religiões de matriz africana e afro-brasileira foram excluídos, o que demonstra como a rejeição do que é entendido em âmbitos cristãos reacionários como indesejável ultrapassa as questões de gênero e sexualidade. Um exemplo sintomático de tais estratégias de perpetuação de um *status* dominante está nas discussões que envolvem a famigerada “ideologia de gênero”. A ideologia de gênero, do modo como veiculam (de forma intelectualmente desonesta) aqueles que dizem combate-la, serviria, dentre outros fatores, para estimular a “mudança de sexo”, a homossexualidade, a promiscuidade, a zoofilia, a pedofilia e o aborto, e desrespeitar as leis divinas. Tais argumentos,

cristofobia, cura gay/trans, etc) e da liberdade de ser quem se é; continuemos atuando na profanação contradispositiva como contra-molas que resistem (e *re*-existem), mantendo acesa outra fogueira, a do profundo respeito a todas as pessoas e da liberdade de ensinar e aprender, na busca de um mundo viva e florescentemente igualitário, *com amor e sem temer*.

Agradecimentos

Quando eu morrer, não quero choro nem vela
Quero uma fita amarela gravada com o nome dela

Noel Rosa

Às pessoas que ofereceram estas narrativas cheias de vida – e de morte em vida – e que possibilitaram que aprendêssemos algo sobre quem somos na sociedade e quão melhores pode(ría)mos ser.

demonizantes das pessoas que estudam/pesquisam e/ou militam pela igualdade de gênero; inverdadeiros, falaciosos, sofismáticos, apelam para o suposto “fim da família natural” e apostam na instauração de um pânico e caos social, e como se sabe, medo e pânico podem ser claros propulsores da discriminação, intolerância e violência. Entretanto, o que é chamado de ideologia de gênero nada mais é que se estudar gênero e sexualidade com os objetivos de problematizar as relações assimétricas e opressivas referentes a gênero e sexualidade/afetividade, e promover a igualdade de gênero e sexual, bem como, de modo interseccional, a igualdade étnico-racial, regional e relativa a todos os demais marcadores sociais. Não há nada, nem nos estudos de gênero e sexualidade, nem na inclusão da diretriz do PNE, acima referida, além disso: combater a desigualdade e educar para a cidadania e direitos iguais. Sobre “ideologia de gênero”, recorra a SCOTT, 2012; SOUZA, 2014; ROSADO-NUNES, 2015; MASCARENHAS NETO, ZANOLI, 2016; SOUZA, 2016; REIS e EGGERT, 2017.

⁵⁷ Outro sofisma se constrói apoiado ao dispositivo da cisheteronorma coligado ao dispositivo do ultraconservadorismo religioso (e social), o do feminismo como ferramenta das mulheres para obterem “supremacia” em relação aos homens na sociedade. Podemos entender, de modo generalizado (visto haver *feminismos*, no plural), ser o feminismo um movimento que problematiza a opressão do gênero masculino sobre o feminino, reivindicando a *igualdade* entre os gêneros, e não a “superioridade da mulher sobre o homem”, como advogam algumas pessoas detratoras de tal movimento. Importante lembrar que há o feminismo interseccional, o feminismo indígena, o feminismo negro e o transfeminismo, dentre outros segmentos do feminismo que militam para direitos mais ampliados e conectados com outros marcadores sociais, assim como existem feminismos como o liberal (que dialoga com a cultura *pop* estadunidense) e o radical (ou *radfem*), que costuma ser intransigente em relação a correntes feministas como o transfeminismo, essencializando o “ser mulher” em uma chave biológica/psicológica, muitas vezes patologizando/psiquiatrizando/judicializando pessoas transgêneras. Há assim, embates entre correntes feministas. De todo modo, podemos considerar um sofisma a compreensão de que o feminismo (ou **os feminismos**) tenha(m) como objetivo colocar a mulher em posição de superioridade em relação aos homens.

Referências

Entrevistas

- CAPPELLETTI, Paulo. *Entrevista*. Santo André, 2014. Entrevista concedida a Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho.
- CHANEL, Jacque. *Entrevista*. São Paulo, 2014. Entrevista concedida a Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho.
- INDÍGENA DE SGC. *Entrevista*. São Gabriel da Cachoeira, 2014. Entrevista concedida a Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho.
- LÍDER DA CCNEI. *Entrevista*. São Paulo, 2012. Entrevista concedida a Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho.
- MEMBRO DA CCNEI A. *Entrevista*. São Paulo, 2014. Entrevista concedida a Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho.
- MEMBRO DA CCNEI B. *Entrevista*. São Paulo, 2014. Entrevista concedida a Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho.
- MEMBRO DA ICM. *Entrevista*. São Paulo, 2011. Entrevista concedida a Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho.
- MIRANDA, Joide. *Entrevista*. Celular, 2014. Entrevista concedida a Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho.
- MISSIONÁRIO DE SGC. *Entrevista*. São Gabriel da Cachoeira, 2014. Entrevista concedida a Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho.
- MOURA, Rouvanny. *Entrevista*. Santo André, 2014. Entrevista concedida a Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho.
- PASTOR DO AM. *Entrevista*. Jacaré, 2014. Entrevista concedida a Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho.
- PASTOR EVANGÉLICO A. *Entrevista*. São Paulo, 2012. Entrevista concedida a Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho.
- PSICÓLOGO. *Entrevista*. São Paulo, 2014. Entrevista concedida a Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho.
- RETAMERO, Márcio. *Entrevista*. São Paulo, 2011. Entrevista concedida a Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho.
- SALVADOR, Alexya. *Entrevista*. São Paulo, 2014. Entrevista concedida a Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho.
- SALVADOR, Alexya. *Entrevista*. Facebook, 2017. Entrevista concedida a Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho.
- SOUZA, Dário Ferreira de. *Entrevista*. São Paulo, 2010. Entrevista concedida a Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho.
- SOUZA, Josiane Ferreira de. *Entrevista*. São Paulo, 2010 e 2011. Entrevistas concedidas a Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho.
- TIRÉSIAS A. *Entrevista*. São Paulo, 2014. Entrevista concedida a Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho.
- TIRÉSIAS B. *Entrevista*. Facebook, 2014. Entrevista concedida a Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho.

TIRÉSIAS C. *Entrevista*. São Paulo, 2011. Entrevista concedida a Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho.

TIRÉSIAS D. *Entrevista*. Jacareí, 2014. Entrevista concedida a Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho.

VALÉRIO, Cristiano. *Entrevista*. São Paulo, 2010. Entrevista concedida a Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho.

Referências bibliográficas

AGAMBEN, Giorgio. *O amigo & O que é um dispositivo?* Chapecó: Argos, 2014.

AUGÉ, Marc. *Não-lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade*. São Paulo: Papirus, 1994.

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. Nova edição, revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2002.

BOBBIO, Norberto. Fanatismo. In: BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola;

PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de Política*. Brasília: Editora UnB, 2007.

BONASSI, Brune Camillo. *Cisnorma: Acordos societários sobre o sexo binário e cisgênero*. Dissertação (mestrado). Programa de Pós-graduação em Psicologia. Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Orientação de Maria Juracy Toneli. 118 p. 2017.

BUTLER, Judith. *La vie psychique du pouvoir – L'assujettissement en théories*. Éditions Léo Scheer, 2002.

CAMOZZATO, Nathalia Müller. *O samba em pessoa: Aracy de Almeida e o dispositivo da oralidade*. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-graduação em Linguística. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis. Orientação de Cristine Gorski Severo. 206 p., 2017.

CASTRO, Edgardo. *Vocabulário de Foucault*. Um percurso pelos seus temas, conceitos e autores. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

DELATORRE, Franco. *"Trabalhar no santo": etnografia das práticas mediúnicas de um coletivo religioso "de matriz africana"*. Dissertação (mestrado). Programa de Pós-graduação em Antropologia Social. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2014. Orientação de Vânia Zikán Cardoso.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1999.

FAUSTO-STERLING, Anne. *Sex / Gender: biology in a social world*. Lillington, Carolina do Norte: Routledge, 2012.

FOUCAULT, Michel. *Nascimento da Biopolítica*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

_____. *História da sexualidade, vol. 1. A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

_____. *Introdução à vida não-fascista*. Prefácio de: DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Anti-Oedipus: Capitalism and Schizophrenia*. New York: Viking Press, 1977.

_____. Sobre a História da sexualidade. In: FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 2000. p. 243 – 27.

GERALDES, Elen Cristina; RAMOS, Tânia Regina Oliveira; SILVA, Juliano Domingues da; MACHADO, Liliane Maria Macedo; NEGRINI, Vanessa (Orgs). *Mídia, misoginia e golpe*. Brasília: FAC, 2016.

HERVIEU-LÉGER, Danièle. *O peregrino e o convertido: a religião em movimento*. Petrópolis: Vozes, 2008.

JESUS, Jaqueline Gomes de. Transfobia e crimes de ódio: Assassinatos de pessoas transgênero como genocídio. *História Agora*, v. 16, nº 2, pp. 101-123, 2013.

LANZ, Leticia. *O corpo da roupa: a pessoa transgênera entre a transgressão e a conformidade com as normas de gênero*. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Programa de Pós-graduação em Sociologia. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 342 p., 2014.

MALAFAIA, Silas. *O cristão e a sexualidade*. Rio de Janeiro: Editora Central Gospel, 2004.

MALUF, Sônia Weidner. Corporalidade e desejo: Tudo sobre minha mãe e o gênero na margem. *Revista de Estudos Feministas*, Ano 10, p. 143-153, 2002.

MARANHÃO Fº, Eduardo Meinberg de Albuquerque. *A grande onda vai te pegar: Marketing, espetáculo e ciberespaço na Bola de Neve Church*. São Paulo: Fonte Editorial, 2013.

_____. "Admita que vc não tem útero": violências de candomblecistas a mulheres transexuais e travestis do candomblé no Facebook. *Fronteiras: Revista de História*. Dourados, MS, v. 18, n. 32, p. 343-370, 2016a.

_____. A Pomba-gira Lady Gaga e a travesti indígena: (Re/des) fazendo gênero no Alto Rio Negro. *Mouseion (UniLasalle)*, v. 22, pp. 151-175, 2015a.

_____. Apresentando notas sobre (re/des) empoderamentos de pessoas transgêneras e ex-transgêneras. *Oralidades*, Revista de História Oral da USP, Ano 8 n.13, p. 131-152, 2014a.

_____. "Educar corretamente evitando aberrações": discursos punitivos / discriminatórios sobre homossexualidades e transgêneridades. *Paralellus*, Recife, v. 6, n. 12, p. 187-200, jan./jun. 2015b.

_____. "É prá baixar o porrete!" Notas iniciais sobre discursos punitivos-discriminatórios acerca das homossexualidades e transgêneridades. *Mandrágora*, São Bernardo do Campo, v. 21, n. 21, p. 47-87, 2015c.

_____. "Falaram que Deus ia me matar, mas eu não acreditei!": intolerância religiosa e de gênero no relato de uma travesti profissional do sexo e cantora evangélica. *História Agora*, São Paulo, n. 12, p. 198-216, 2011a.

_____. "Jesus me ama no dark room e quando faço programa": narrativas de um reverendo e três irmãos evangélicos acerca da flexibilização do discurso religioso sobre sexualidade na Igreja da Comunidade Metropolitana. *Polis e Psique*, P Alegre, v. 1, n. 3, p. 221-253, 2011b.

_____. "Jesus nasceu pra gente que é travesti e trans também, meu bem". O primeiro Natal do Ministério Séfora's de Travestis e Transexuais da CCNEI. *Revista Jesus Histórico e sua Recepção*, VIII, 15, p. 131-149, 2015d.

_____. "Marketing de Guerra Santa": da oferta e atendimento de demandas religiosas à conquista de fiéis-consumidores. *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 10, n. 25, p. 201-232,

2012b.

_____. Quando Clio encontra Hermafrodito e Tírésias, mas Narciso está no caminho: Reflexões a partir de história oral em ministérios de “cura” de travestis. *Esboços*, Florianópolis, v. 23, n. 35, p. 210-228, 2016b.

_____. *(Re/ des)conectando gênero e religião*. Peregrinações e conversões trans* e ex-trans* em narrativas orais e do Facebook. Tese (Doutorado). Programa de Pós-graduação em História Social. Orientação de José Carlos Sebe Bom Meihy. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2014b.

_____. Teologia queer e cristans: Transições teológicas na Igreja da Comunidade Metropolitana (ICM). *Mandrágora*, v.22. n. 2, p. 149-193, 2016c.

_____. Sai desse corpo que esse caminho não te pertence! Pessoas trans* e ex-trans* em (re/des)caminhos de gênero, corpo e alma. *Revista Brasileira de História das Religiões*. ANPUH, Ano VIII, n. 24, p. 197-219, 2016d.

_____. “Uma Igreja dos Direitos Humanos” onde “promíscuo é o indivíduo que faz mais sexo que o invejoso e inveja é pecado”: Notas sobre a identidade religiosa da Igreja da Comunidade Metropolitana (ICM). *Mandrágora*, SBC, v. 21, n.2, p. 5-37, 2015e.
MARTINS, Natália. Igrejas inclusivas, Bancada Evangélica e Cristofobia. Entrevista com Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Fº. *Temporalidades – Revista de História*. Edição 22, V.8, n.3, 2016.

MASCARENHAS NETO, Rubens; ZANOLI, Vinicius. Escola, política, família e religião: disputas em torno da chamada “ideologia de gênero”. *Novos Debates*, vol. 2, n. 2, p. 77-81, 2016.

MOURA, Fernanda Pereira de. *"Escola Sem Partido":* Relações entre Estado, Educação e Religião e os impactos no Ensino de História. Dissertação (Mestrado). Mestrado Profissional em Ensino de História. Orientação de Alessandra Carvalho. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). 2016.

NATIVIDADE, Marcelo Tavares. *Deus me aceita como eu sou?* A disputa sobre o significado da homossexualidade entre evangélicos no Brasil. Doutorado em Antropologia Social. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. Orientação de Peter Fry. 2008.

_____. *Homossexualidade, gênero e cura em perspectivas pastorais evangélicas*. Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 21, p. 115-132, 2006.

NERY, João W.; MARANHÃO Fº, Eduardo Meinberg de Albuquerque. Deslocamentos subjetivos das transmasculinidades brasileiras contemporâneas. *Periódicus*, Salvador, n.7, v.1, p.280-299, 2017.

_____; _____. Transhomens no ciberespaço: micropolíticas das resistências. *História Agora*, v. 16, n. 2, p. 139-165, 2013.

_____. *Viagem Solitária – Memórias de um transsexual trinta anos depois*. São Paulo: Leya, 2011.

ORLANDI, Eni. *A linguagem e seu funcionamento*. As formas do discurso. Campinas: Pontes, 1987.

_____. As formas do silêncio. No movimento dos sentidos. Campinas: UNICAMP, 2007.

- PEDRO, Joana Maria; ZDEBSKYI, Janaína de Fátima; MARANHÃO Fº, Eduardo Meinberg de Albuquerque. A histórica e as belas, recatadas e do lar: misoginia à Dilma Rousseff na concepção das mulheres como *costelas* e dos homens como *cabeça* da política brasileira. *Espaço e Cultura*, 38, p. 225-250, 2015.
- REIS, Toni; EGGERT, Edla. Ideologia de gênero: uma falácia construída sobre os planos de educação brasileiros. **Educação & Sociedade**, vol. 38, núm. 138, 2017.
- RÖD, Wolfgang. *O caminho da filosofia*. Brasília: Editora UNB, 2014.
- ROSADO-NUNES, Maria José Fontelas. A “ideologia de gênero” na discussão do PNE: a intervenção da hierarquia católica. *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 13, n. 39, p. 1237-1260, 2015.
- SILVA, Aramis Luis. Igreja da Comunidade Metropolitana de São Paulo: o perfil de uma igreja inclusiva e militante. In: MARANHÃO Fº, Eduardo Meinberg de Albuquerque (Org.). *Anais do 1º Simpósio Internacional da ABHR / 1º Simpósio Sudeste da ABHR, Diversidades e (In)Tolerâncias Religiosas*. São Paulo, ABHR, 2013 (p. 1639-1652).
- SOUZA, Sandra Duarte de. “Não à ideologia de gênero!” A produção religiosa da violência de gênero na política brasileira. *Estudos de Religião*, v. 28, n. 2, p. 188-204, 2014.
- SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.
- TAY, Dr. John S. *Nascido gay?* Existem evidências científicas para a homossexualidade? Rio de Janeiro: Central Gospel, 2011.
- VIULA, Sergio. *Em busca de mim mesmo*. Rio de Janeiro: Livre Expressão, 2010.
- WEINMANN, Amadeu de Oliveira. Dispositivo: Um Solo para Subjetivação. *Psicologia & Sociedade*, nº18, v.3, 2006.
- WEISS DE JESUS, Fátima. *Unindo a cruz e o arco-íris: vivência religiosa, homossexualidade e trânsitos de gênero na Igreja da Comunidade Metropolitana de São Paulo*. Orientação de Miriam Pillar Grossi. Tese (Doutorado). Antropologia. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2012.

Internet

- ASSOCIAÇÃO Brasileira de História das Religiões (ABHR). *Nota de repúdio da ABHR à Escola Sem Partido* (27/03/2017). Disponível em: <www.abhr.org.br>. Acesso em: 27 mar 2017.
- _____. *Nota de Repúdio ao projeto “Escola Sem Partido” e à realização unilateral de seminário sobre a Base Nacional Comum Curricular (BNCC)* (14/06/2016). Disponível em: <<http://www.abhr.org.br/wp-content/uploads/2016/06/Esta-Comiss%C3%A3o-repudia-veementemente-a-manobra-parlamentar-que-permissivamente-realizou-no-dia-31-de-1.png>>. Acesso em: 14 jun 2016.
- ASSOCIAÇÃO Nacional de História (ANPUH). *Nota da ANPUH: Perseguição e coação*. Disponível em: <<http://site.anpuh.org/index.php/2015-01-20-00-01-55/noticias2/noticias-destaque/item/4050-nota-da-anpuh-perseguiacao-e-coacao>>. Acesso em:

- BAETA, Juliana. *Brasil já tem 61 transexuais e travestis assassinados em 2017*. Disponível em: <www.geledes.org.br/brasil-ja-tem-61-transexuais-e-travestis-assassinados-em-2017/#gs_Izu4bo>. Acesso em: 27 de maio de 2017.
- BENEVIDES, Bruna. *Mapa dos casos de assassinatos de Travestis, Mulheres Transexuais e Homens Trans, no território brasileiro no ano de 2017 contabilizados pela Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA) – 67 assassinatos até 02/06/2017*. Disponível em: <www.google.com/maps/d/viewer?ll=-15.446905244074946%2C-45.78765324999995&z=4&mid=1yMKNg31SYjDAS0N-ZwH1j0apFQ>. Acesso em: 02 de junho de 2017.
- COUTINHO, Laerte. *Muriel Total*. Disponível em: <murieltotal.zip.net>. Acesso em: diversas datas.
- DISCIPLINA Gênero, Política e Religião (UFSC). *Nota de Apoio da Disciplina Gênero, Política e Religião (PPGH/UFSC) à Profa. Dra. Marlene de Faveri (05/04/2017)*. Disponível em: <www.facebook.com/photo.php?fbid=1243810435687464&set=a.203640863037765.44804.100001755578851&type=3&theater>. Acesso em: 05 abril 2017.
- COUTINHO, Laerte. *Muriel Total*. Disponível em: <murieltotal.zip.net>. Acesso em: diversas datas.
- HISTÓRIAS de Adoção (Comportamento) *Ep.13 - Alexya E Roberto* (Exibição: 30/05/2017). Disponível em: <<http://gnt.globo.com/programas/historias-de-adoacao/episodios/50292.htm>>. Acesso em: 30 maio 2017.
- LOPES, Leiliane Roberta. *Marco Feliciano faz campanha para pagar cirurgia de ex-travesti* (09/12/2014). Disponível em: <<http://noticias.gospelprime.com.br/marco-feliciano-campanha-cirurgia-ex-travesti/>>. Acesso em: 10 dez. 2014.
- NOGUEIRA, Sayonara Naider Bonfim; ARAÚJO, Tathiane Aquino; CABRAL, Euclides Afonso. *A geografia dos corpos das pessoas trans – dossiê – 2016*. Rede Trans Brasil. Disponível em: <<http://redetransbrasil.org/dossiecirc2016.html>>. Acesso em: 2 de junho de 2017.
- OLIVEIRA, Alexander/Kari. *Carta aberta aos transexuais daimistas* (08/05/2017). Disponível em: <www.youtube.com/watch?v=xp_wGQGxIAU&feature=youtu.be>. Acesso em: 10 maio 2017.
- RIOS, Larissa. In: SUPERCI, Madrinha. *O fardamento de Pessoas Trans é uma das mais recentes manifestações do Amor de Deus, revelado em nosso Senhor Jesus Cristo* (21/05/2017). Disponível em: <www.facebook.com/supercirevista/>. Acesso em: 21 maio 2017.

Outras referências

- CHAMADO X ENTREGA - Testemunho de Felipe Valentino - Ex travesti. Direção: Felipe Valentino; Tauana Felizarda. Brasil: Produção independente, 2014 (14m 26 seg.).
- DISCURSO no Plenário da Câmara Federal. Discurso de Jair Bolsonaro na Câmara Federal, 30 nov. 2010. *Youtube* (06 min06 seg.).
- FELIZARDA, Nayana. *Postagens públicas em perfil pessoal*, 2014.
- MOURA, Rouvanny. *Oração de abertura do Acampa Mona*, 2014.

SILAS Malafaia – *É para descer o porrete (nos homossexuais)! Youtube*. Trecho de pregação televisiva de Silas Malafaia em seu programa na TV Bandeirantes, Vitória em Cristo, exibido em 02 de julho de 2011 (2min.49seg).

STAINES, Robson. *Participação na mesa Trans (Religião/Gênero)*. Coordenação da mesa: GUTIERREZ, Carlos; MARANHÃO F^o, Eduardo Meinberg de Albuquerque. 31^a Bienal de São Paulo, 3 nov. 2014.

LEVY Fidelix (PRTB) *faz discurso homofóbico no debate à presidência. Youtube* (02min34seg.). *TRAVESTI aceita Jesus e corta o cabelo para virar um homem bêtero!* Direção: Tauana Felizarda. Brasil: Produção independente, 2014 (1m49 seg).

TUDO sobre minha mãe. Direção: Pedro Almodóvar. Espanha, França: El Deseo S.A., Renn Productions; France 2 Cinéma; Vía Digital, 1999 (1h41min).